

Stadium

N.º 268

21 de Janeiro de 1948

Preço: 2\$50

BENFICA · ESTORIL

Arsénio, num arranco formidável, ainda conseguiu o remate, mas Laranjeira defendeu — por estar bem colocado

BREVEMENTE

EM

STADIUM

AS MEMÓRIAS

DE

TOMMY LAWTON



ESTORIL no papel de animador

Quatro clubes na corrida do título
— Elvas revela-se um perigo para todos — Sporting venceu em 3 campos

Crónica de TAVARES DA SILVA

Raramente se tem disputado em Portugal uma prova tão interessante, e tão cheia de atractivos. Nenhum clube conseguiu por enquanto adiantar-se, em termos do problema se considerar resolvido, ou, pelo menos, esclarecido. Pelo contrário, cada vez o problema se complica mais — estando tudo às escuras. Sucedem-se as situações mais imprevisas e curiosas, e a roda da sorte beneficia uns uma semana para os prejudicar logo a seguir. Implacavelmente.

Por outro lado — a luta animada de domingo para domingo, surgindo novas forças e energias. Há que contar não só com os clubes que formam o lote da cabeça, mas com todos os outros — que não querem limitar-se a um papel passivo. Pode até dizer-se que o problema depende fundamentalmente daquilo que os clubes mais modestos fizerem, havendo a certeza de que há muitas dificuldades semeadas por esse país fora. E' difícil jogar ali, acolá, em toda a parte.

Na décima jornada foram apurados os seguintes resultados:

Benfica.... 2 — Estoril..... 3
Belenenses.. 1 — Elvas..... 1
Olhanense.. 5 — Guimarães... 0
Setúbal.... 3 — Atlético.... 2
Porto..... 3 — Lusitano... 0
Sport. Braga 3 — Boavista... 3
Académica.. 3 — Sporting... 6

Apresenta-se, portanto, um conjunto de resultados de equilíbrio, com a excepção de um desnível de cinco bolas. Mesmo este

resultado pode considerar-se uma surpresa. O Vitória de Guimarães estava a fazer uma carreira — que justificava outros números. Teve a desfortuna de encontrar um Olhanense que andava ávido de um bom triunfo, e Guimarães foi a vítima.

Sporting e Porto venceram os seus adversários com relativa facilidade, que não excluiu luta animada. Nos dois encontros de Lisboa, em Setúbal e em Braga, onde o Boavista se comportou com mérito, pode também empregar-se com propriedade a palavra equilíbrio.

A vitória do Estoril causou a mais viva sensação. A equipa vinha a revelar o seu grande e real valor, mas o Benfica era tido como favorito — na base da vitória contra o Sporting e por actuar no seu ambiente. As previsões falharam. É a bola!

Também o Elvas deu uma nota de sensação, conseguindo um empate nas Salésias contra o poderoso Belenenses. Os elvenses deram um belo passo na sua carreira, não só pelo resultado mas também pela amostra do seu futebol, de excelente organização na defesa e rascável categoria no ataque.

Marçaram-se 35 bolas, o que dá a média de 5 por desafio: os ataques mostram-se realizadores, e as defesas parece estarem um pouco em crise. Sómente dois clubes não marçaram bolas, o Vitória de Guimarães e o Lusitano, ambos fóra de casa. No entanto, o resultado deste é altamente honroso.

O movimento da Tabela, nesta

10.ª jornada, nota-se muito! O Sporting subiu, o Benfica desceu. Os *leões* beneficiaram dos resultados de Lisboa — feitos de propósito para a sua ascensão. O Estoril firmou-se mais solidamente. O Porto marcha certo.

Há quatro clubes, em dois pares, que fazem a viagem para o título muito juntos: Belenenses-Sporting, e Estoril-Benfica, com menos um ponto que aqueles. Segue-se o Porto, a dois pontos dos guias; logo o Elvas, já distanciado. Os outros não chegaram à casa da dezena.

O Atlético está a descer muito, tendo sido ultrapassado pelo Elvas. O Vitória de Guimarães também desceu. O Olhanense subiu um lugar, e está agora mais próximo do Lusitano.

Sporting e Porto não contam empates, sendo aquele o de mais vitórias, assim como a Académica mantém o *record* das derrotas. Estoril e Benfica seguem à cabeça nos golos marcados (38). Se os números valem alguma coisa, e estamos convencidos que sim, a defesa mais forte é a do Belenenses (apenas 11 golos sofridos). O Lusitano, apesar da sua excelente situação, é o clube que marcou até agora menos bolas (11). A Académica, por sua vez, é aquele que sofreu mais tentos (41). O leitor encontrará ainda na Tabela que publicamos outras indicações, e porventura novos motivos de curiosidade.

O Estoril comportou-se magnificamente, e tudo quanto se diga do seu esforço é pouco. Não se trata de um triunfo banal, mas sim de uma vitória arrancada ao Benfica e no seu próprio campo, o que pressupõe ambiente de grande paixão que fatalmente se reflectirá na luta. Não ganha ao Benfica um qualquer, mas só um Estoril, bem articulado, pleno de moral, jogando verdadeiramente futebol.

Essa faceta, a boa articulação do *team*, foi patente. No capítulo defensivo, a estrutura do grupo pode dizer-se magnífica. E nem a circunstância do Benfica facilitar a tarefa, a desvaloriza. Na verdade, os benfiquenses fiseram quase todos os golpes por alto, proporcionando a excelente exibição dos homens da defesa adversária.

Não deixa de ser muito curioso este apontamento, sabendo-se que

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

Redacção e Administração
RUA DA ROSA, 252-1.º
Telefone 31187 — LISBOA

Director e Editor:
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção:
TAVARES DA SILVA

Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

os atacantes benfiquistas sabem pôr a bola em cima do terreno e jogar rectilínea e perpendicular, com o fito nas redes. Não se percebe, algumas vezes, como as coisas se passam.

Mas o Estoril também revelou coesão no ataque, a tal ponto que a maior parte dos seus avanços, bem concluídos, resultaram perigosos — o contrário do que sucede ao atacar o Benfica.

De aí o triunfo. Evidentemente, o Benfica tem atenuações. A não-concessão de uma grande penalidade e seu favor influíu no jogo. A lesão de um jogador diminuiu as suas possibilidades. Uma falha — todos as teem, um dia! — de Francisco Ferreira deu um golo. Mas, indiscutivelmente, o seu adversário não se deixou pertubar pelo ambiente, e soube aproveitar as condições favoráveis e praticamente vencer.

Quando, após os 3-1, o Benfica se transformou na vaga de entusiasmo, buscando à viva força, ao menos, o empate, ainda o Estoril se conservou tranquilo. Os benfiquenses utilizaram o recurso de semelhantes emergências, a passagem de Francisco Ferreira para interior-esquerdo, mas sem resultados práticos.

Bença — Rogério; Jacinto; Félix e Fernandes; Moreira e F. Ferreira; Mário Rui, Arsénio, Júlio, Melão e Baptista.

Estoril — Laranjeira; Pereira, Elói e Alberto; Oliveira e Fraga-teiro; Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

Árbitro — José Pires, de Setúbal.

Marcadores — Do Estoril: Mota (2) e Raul Silva. Do Benfica: Arsénio e Júlio.

Ao intervalo 1 a 0 a favor do Estoril.

O Belenenses está numa evolução de jogo que nos desorienta um pouco. O que é feito da sua magnífica ligação? Porque não continuam os seus elementos na *política construtiva*, regressando aos moldes vulgares em todas as equipas?

Não se sabe bem porquê. Mas o certo é que o ataque, que vinha a subir, sofreu a amputação de Teixeira da Silva — e essa tecla reflectiu-se em todas as outras.

Esta vez, ao contrário do que tem sucedido, a defesa belenense não mostrou a coesão requerida,

Tabela de pontos

	CASA				FORA				TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.
Belenenses....	10	4	1	—	20-5	3	1	1	10-6	7	2	1	30-11	16
Sporting.....	10	4	—	1	15-8	4	—	1	16-9	8	—	2	31-17	16
Estoril.....	10	5	—	—	27-11	2	1	2	11-12	7	1	2	38-23	15
Benfica.....	10	4	—	1	22-7	3	1	1	16-9	7	1	2	38-16	15
F. C. Porto....	10	4	—	1	21-6	3	—	2	12-7	7	—	3	33-13	14
Elvas.....	10	4	—	1	19-3	—	2	3	7-20	4	2	4	26-23	10
Atlético.....	10	3	1	1	23-11	1	—	4	13-19	4	1	5	36-30	9
Lusitano.....	10	3	1	1	9-10	—	1	4	2-18	3	2	5	11-28	8
Boavista.....	10	3	1	2	10-11	1	1	3	5-15	3	2	5	15-26	8
Olhanense....	10	2	2	1	10-5	—	1	4	11-25	2	3	5	21-30	7
Vitória (S.)...	10	2	1	2	7-10	1	—	4	7-14	3	1	6	14-24	7
Sp. Braga....	10	2	1	2	11-12	—	1	4	6-15	2	2	6	17-27	6
Vitória (G.)...	10	2	1	2	8-9	—	1	4	6-19	2	2	6	14-28	6
Académica....	10	1	1	3	9-18	—	—	5	4-23	1	1	8	13-41	3

mostrando falta de desembaraço e pouca ligeireza de movimentos. Deesse modo, essa defesa transformou lances inofensivos em golpes assaz perigosos.

Em contraste, o *team* de Elvas esteve rápido. Por essa razão, deu quase sempre a impressão de correr mais do que o adversário. As vezes, estava um belém ao pé da bola e um elvense mais longe. Pois era este que ficava de posse do esférico, e estamos todos a ver a vantagem que isto representa...

Também a defesa elvense jogou com uma atenção de todos os momentos, quase sem hesitações e não perdendo uma oportunidade de intervir... Cabe aqui dizer que a tarefa de treinador em Portugal é difícil, porque ele tem de ensinar tudo — até o que era escusado e deve estar no cérebro de todo o jogador mediano.

Um atacante executa a mesma jogada uma e duas vezes, e ao ser batido e ao ver-se descoberto, em vez de mudar de rumo continua a insistir — e o adversário a rir-se...

Veja-se isto! O Belenenses não conseguiu terminar uma jogada de ataque ligada e construtiva, marcando a sua única bola de uma devolução ocasional do guarda-redes contrário — no qual notamos a tendência para estes lances... Já o Elvas coordenou vários golpes de ataque, e conseguiu remates de boa marca. O *team* costumava cair fora de casa e agora levantou-se, talvez indício seguro de aperfeiçoamento técnico mas também de ordem moral.

Belenenses — Sérgio; Vasco, Feliciano e Serafim; Amaro e Figueiredo; Rocha, Nunes, Quaresma, Duarte e Narciso.

Elvas — Semedo; Galinho, Nunes e Oliveira; Rebelo e Sousa; Vieira, Massano, Patalino, Augusto e Angelo.

Árbitro — Cunha Pinto, de Setúbal. *Marcadores* — Do Belenenses: Narciso; do Elvas: Patalino. Ao intervalo: 1 a 0 a favor do Elvas.

Parecia que o Olhanense estava impossibilitado de obter uma vitória expressiva, no actual campeonato. Mas a roda da fortuna deu mais uma voltinha, e tão bem dada foi que o Vitória vimezanense veio a sofrer-lhe as consequências. Que bem desastrosas foram...

De todos os modos, o resultado assegura-nos que os algarvios

ainda sabem reagir e meter-se na calha dos bons jogos que já lhes vimos fazer. Antes assim.

Sobre este desafio, deve dizer-se também que a arbitragem desagradou totalmente. O árbitro Oliveira Machado, segundo a crítica mostrou-se severo nas coisas simples e brandos nos casos mais complicados. Talvez por isso, o jogo decorreu dentro de um mar de atritos, chegando o Vitória visitante a ter 9 homens no terreno. Na primeira parte foi expulso Teixeira; na segunda — Alcino. Estes casos desorientaram os visitantes, e o desafio passou para o número das coisas indesejáveis.

Os grupos:
Olhanense — Abraão; Eminentio e Loulé; João dos Santos, Grazina e Januário; Soares, Joaquim Paulo, Palmeiro, Salvador e Carmo.
Vitória (G.) — Machado; Garcia e Costa; Luciano, Curado e Teixeira; Miguel, Rebelo, Brioso, Alcino e Franklin.

Árbitro — Oliveira Machado, da A. F. Lisboa.

Marcadores — Palmeiro (2), Carmo, Joaquim Paulo e Salvador.
Resultado da 1.ª parte: 2-0.

O Vitória de Setúbal, depois de perder, há uns dias, nas Salésias, por 7-1, frente ao Belenenses bem organizado, conseguiu agora vencer o Atlético por 3-2, que ainda por cima teve de contar com o guarda-redes Correia para evitar muitas derrotas.

A equipa setubalense desenvolveu um jogo de ataque franco, e a felicidade acompanhou várias vezes os visitantes. O Vitória talvez não seja grupo para destruir as aspirações dos «primeiros planos», que é como quem diz, dos verdadeiros «grandes» do campeonato. Mas tornará sempre a vida difícil às equipas menos confiadas no seu valor.

No seu campo dos Arcos, o Vitória agiganta-se, e se o ataque corresponde, marcando, não é menos verdade que a defesa cumpre com as suas obrigações.

A equipa alcantarense não pode queixar-se. Foi bem batida, embora conseguisse melhorar bastante no segundo tempo. E melhorou de tal maneira que o empate esteve à vista!

Hoje, não se pode confiar muito na vantagem adquirida. Veja-se o Vitória, subindo a 3-0 para ceder depois duas bolas que o colocaram à beira de um resultado-surpresa.

Alinharam:
Vitória (S.) — Baptista; Ameixa e Figueiredo; Pina, Montês e Primo; Rosário, Campos, Cardoso Pereira, Rendas e André.

Atlético — Correia; Pereira e Rosário; Lopes, Armindo e Morais; Martinho, A. Carneiro, Vital, Rogério e Agostinho.

Árbitro — Contente de Sousa, da A. F. Setúbal.

Marcaram as bolas do encontro: — André, Cardoso Pereira e Rosário, do Vitória de Setúbal; Martinho (2) pelo Atlético.

Resultado da 1.ª parte: 3-0 para o Vitória de Setúbal.

Não se sabe bem o que o Porto vai fazer, jogo a jogo. A defesa do grupo portuense é boa, sólida, pois tem consentido poucos tentos, tendo mesmo passado jogos sem sofrer toques do adversário. No domingo mais uma vez aconteceu assim. Todavia, o ataque não deve ter cumprido totalmente com a sua obrigação, pois fez os 3 pontos do jogo na primeira parte e por aqui se ficou.

Os algarvios foram alguma coisa felizes na sua primeira exibição no Porto. O seu guarda-redes Balbino, por acaso suplente de Isaurindo, que tem estado ausente, maravilhou os desportistas do Norte com uma exibição admirável. Mas o grupo da casa, mesmo anotando o trabalho de Balbino, não deve ter jogado em dia de acerto ofensivo. Há por lá qualquer coisa que não funciona bem.

As equipas:

F. C. do Porto — Barrigana; Alfredo e Guilhar; Joaquim, Carriço e Carvalho; Sanfins, Araújo, Correia Dias, Gastão e Ferreira.

Lusitano — Balbino; David e Caldeira; Branquinho, Bandeira e Camarada; Almeida, Mortágua, Angelino, Albino e Germano.

Árbitro — Euclides de Carvalho, da A. F. de Braga.

Marcaram os tentos do F. C. do Porto: Araújo e Correia Dias (2).

Resultados da 1.ª parte: 3-0 para o F. C. do Porto.

Jogaram mais os bracarense, no seu campo, contra os portuenses do Boavista.

Neste desafio deu-se um caso interessante, que merece cuidado estudo: — a má colaboração prestada pelos juizes de linha ao árbitro Augusto Pacheco, que se viu forçado a dispensar um deles!

A equipa bracarense, embora completa, pois Mário reapareceu, jogou menos que nos últimos desafios, mas ainda assim um pouco mais em relação ao adversário. No entanto, mesmo fora do seu ambiente, os segundos do Porto procuraram animosamente um bom resultado, que vieram a conseguir.

Fica em Braga mais um ponto. A sua equipa talvez esperasse fazer melhor, mas também deve contar-se com a superior experiência do *team* do Bessa — que anda no terreno há mais tempo.

Alinharam:
Sporting de Braga — Salvador; Palmeiro e Joaquim; Daniel, Sobral e Marques; Barros, Elói, Mário, Diamantino e Frederico.

Boavista — Santiago; Raimundo e Ramos; Garcia, António Caiado e Serafim; Zeça, Armando, Passos, Fernando Caiado e Barros,

Árbitro — Augusto Pacheco, da A. F. de Aveiro.

Marcaram os pontos do desafio: Elói e Frederico (2), pelos bracarense; Barros (2) e Fernando Caiado, pelo Boavista.

Resultado da 1.ª parte: 2-2.

A Académica ainda dificultou o trabalho do Sporting no primeiro tempo.

Depois, os jogadores leoninos impuseram o seu jogo, abrindo a ofensiva forte, rematando certamente, e quando o árbitro deu o desafio por concluído a vitória pertencia ao melhor grupo. Nem os vencidos contestaram o resultado.

Mas os rapazes de Coimbra, embora o não pareça tal derrota, jogaram com muita decisão. Chegaram mesmo a impressionar o adversário, que apenas conseguiu uma bola de vantagem no intervalo.

Quando os *leões*, logo no princípio da 2.ª parte, obtiveram o 4.º ponto do seu grupo — o jogo ficou resolvido. Nem os estudantes pensaram mais em ganhar, nem os *sportingues* em perder. A 3.ª bola dos briosos rapazes do Mondego, apareceu quando o seu adversário vencia já por 6-2 e o árbitro olhava para o relógio...

Alinharam:
Académica — Tito; Albino e Brás; Azevedo, Diogo e Eduardo Santos; Melo, Garção, Pacheco Nobre, Leite e Bentes.

Sporting — Dores; Moreira e Juvenal; Canário, Manuel Marques e Verissimo; Armando Ferreira, Vasques, Sidónio, Travassos e Albano.

Árbitro — António Passos, da A. F. do Porto.

Marcaram os pontos do desafio: Travassos (3), Sidónio (2) e Vasques — pelo Sporting; Bentes Pacheco Nobre e Garção, pela Académica.

Resultado dos primeiros 45 minutos: — 3-2 a favor do Sporting.

No próximo domingo não se realizam encontros do Campeonato Nacional, em virtude do projectado encontro de futebol Norte-Sul que se disputará no Porto, e cujo produto reverte a favor das vítimas da tragédia marítima do Norte.
No mesmo dia disputa-se o Lisboa-Setúbal na capital.

TÊNIS

A primeira derrota de Kramer

No Madison Square Garden, de Nova York, efectuou-se a estreia como jogador profissional de ténis, do mais célebre amador da actualidade, o americano Jack Kramer.

Foi seu adversário o campeão do Mundo profissional, Bobby Riggs, que nós vimos jogar ocasionalmente em Lisboa. O *match*, realizado à noite, foi assaz disputado e acabou com o triunfo de Riggs, por 6/2, 10/8, 4/6 e 6/4.

Kramer ressentiu-se do efeito da luz artificial e do piso em madeira, a que está pouco habituado.

Album dos Jogadores

Em separate publicamos hoje

AMARO e BAPTISTA

Em cada número — 2 fotos de jogadores de futebol

Para atender a todos os pedidos estamos a fazer a reimpressão das fotos atrasadas

Pedidos a "Stadium"

Rua da Rosa, 252-1.º — Telefone 31187



gosto desse lugar. Quando novos simpatizámos com aquele posto em que se marcam «goals». Parece que damos mais nas vistas, que o público gosta mais de nós...

Depois veio mais tarde a minha adaptação ao lugar de defesa e mentir-lhe-ia se não lhe dissesse que adoro o lugar. Mas é muito ingrato. As culpas dos «goals» sofridos são quase sempre dos defesas ou do guarda-redes...

E olhe que às vezes entristece que que assim pensem...

Guilhar ao perguntarmos-lhe qual foi a defesa que mais dificuldades lhe criou quando jogava ao ataque, não hesitou um segundo: — «O saudoso José Simões. Era um grande jogador e um correctíssimo adversário.»

— E agora a defender qual o avançado que mais o confunde?

— Espírito Santo quando jogava a avançado-centro. E' desconcertante. Nunca para num sítio e possui uma elasticidade de movimentos que surpreende quase sempre uma marcação cerrada.

Uma idela de ontem — outra de hoje

— Joga-se hoje mais do que no passado, Guilhar?

— O futebol de hoje é diferente.



O duelo de sempre... Peyroteo vai escapar-se mas Guilhar, sentinela que não dorme, não o larga. À distancia, Pereira, seu antigo colega, hoje no Estoril Praia

Um idolo portuense

Gostaria de ser avançado-centro! — diz-nos Vitor Guilhar

No desfiar de inúmeras recordações o grande defesa portuense afirmou-nos: — Espírito Santo foi o mais difícil avançado-centro que encontrei!

HÁ jogadores que não gostem de conviver com o público através dos jornais. Simpatizam mais com o conquistar-lha a simpatia merecida da sua habilidade no comando de uma bola.

Vitor Guilhar, presentemente capitão da equipa do F. C. do Porto, é um jogador de uma modestia que agrada.

Tem a simpatia dos seus companheiros e a admiração de todos os adeptos do grande clube nortenho, aquele que vive na alma de milhares de entusiastas do desporto.

E mesmo os adversários não antipatizam com ele e nesses envolvimentos aqueles avançados-centros que no decorrer dos jogos sentem a opressão de uma vigilância que não dorme.

Encontramo-lo há momentos. Tinha saído da Companhia de Seguros «A Tranquilidade» onde exerce a sua profissão. Sem querer-mos, acotovelámo-lo. Pedimos-lhe desculpa e reparamos que era o Guilhar.

E revivemos muitos tempos passados. Pela tela da nossa memória passaram muitos episódios cariosos, que perduram pela vida além, que nunca mais se esquecem porque o coração os guarda, fiavelmente, como um dos seus melhores tesouros.

20 anos — uma vida!

Vitor Guilhar principiou a jogar em 1928. Há vinte anos. E a primeira camisola que vestiu foi a do F. C. do Porto, naquelles tempos dorados em que havia muitos grupos infantis e em que se começava a jogar aos 11 e aos 12 anos.

Achamos expressiva uma afirmação sua: — «Ali principiei — ali acabei. A camisola que mais se ajusta ao corpo, que mais aquece o coração é aquela que vestimos quando nele existem muitas ilusões e crepitam muitas esperanças.

Avançado-centro — era um desejo

Guilhar começou a jogar a avançado-centro. Disse-nos ele: — Ainda

Não é tão rendilhado. Joga-se menos sem dúvida, naquilo que o futebol pode ter de concepção à base do domínio de bola. Joga-se indiscutivelmente menos. Mas é um futebol mais perigoso por terrivelmente prático. Agora quer-se dois ou três toques e balisa. Joga-se mais em força.

— Razões da descida?

— São muitas e algumas tem-se focado com justiça. Principiar-se tarde é uma delas. Depois temos vivido muito isolados. Antigamente vinham até nós equipas de grande classe. Havia aqueles jogos com os grupos da Europa Central que em domínio de bola e em ciência de jogo nos mostravam muitas coisas que depois tentávamos aprender.

Haja fé

— Tem esperanças em que o seu clube melhor de classificação e de possibilidades?

— Porque não... Temos um treinador admirável. A equipa acusa muita juventude, muita gente nova. Procura-se um ataque e ela ainda não está em «forma». Mas ela tem de chegar e nessa altura a nossa equipa, fatalmente, que há-de subir. Repare que é legitima essa Fé. Fizemos, por exemplo, aquele encontro em Valência que nos disse e seguinte: há bons jogadores na nossa equipa, o que é preciso é acreditarem neles próprios. O ataque nesse encontro actuou em cheio. Eu, cá atrás, entusiasma-vam-me. Não se joga daquela maneira quando não se sabe.

Retira a conclusão.

— Das equipas do F. C. do Porto em que jogou, quais as que mais lhe agradaram?

— As de 38-39 e 39-40. Ganhamos com elas o 1.º e 2.º campeonato nacional. A primeira incluía o Soares dos Reis, eu, o Sacadura, o Baptista, Carlos Pereira, Pocos, Nunes, Pinga. Costuras, Gomes da Costa, António Santos, etc... No outro surgiram o Bela, Pereira, Petrack, Kodrnya...

Impressões e recordações

— Momentos agradáveis e desagradáveis...

— Nos primeiros, recordo quando ganhámos ao Benfica nas Amoreiras por 3-2. (Olhe que foi nas Amoreiras!) e com esse triunfo conquistamos o campeonato nacional. A vitória sobre o Valência também difficilmente esquecerá.

Nos momentos mais ganha a todos de longe aquele em que perdemos por 6-0 com o Benfica depois de termos ganho no Porto por 6-1. O abandono do campo e tudo aquilo gravou-se tristemente na minha memória. Quem dizia que não seríamos os finalistas e mesmo os triunfadores da Taça?

— E dos jogadores que mais o impressionaram?

— Nos estrangeiros, Bela, Ipiña, o trió central, ponta esquerda e médio centro dos argentinos e o interior esquerdo e médio centro do Vasco da Gama. Grandes jogadores! Dos portugueses, Azevedo, Albino, Carlos Pereira, Francisco Ferreira, Espírito Santo e Mourão.

É legitimo

Falamos de jogos internacionais. Arriscamos uma pergunta que é natural se nos lembramos da excelente «forma» actual de Vitor Guilhar: — Gostaria de voltar a ser internacional?

— Mentiria, se dissesse que não. E agora mais do que nunca. Gostaria de levar da minha carreira mais essa recordação.

— Que pensa do Portugal-Espanha?

— Os espanhóis devem sardernuma ansia de ganhar seja de que forma for. Ambicionam com certeza reviver nesse dia no novo Chamartín, o velho Chamartín. Mas os portugueses deverão ir com desejo de vencer e de manter o prestigio criado pelo triunfo em Vale de Jamôr.

Falávamos há cerca de uma hora. Não podíamos, educadamente, retê-lo mais tempo. Mas quisemos ainda fazer-lhe uma outra pergunta: — Se lhe dessem a escolher um companheiro para formar par consigo qual escolheria de todos os jogadores que tem visto?

Guilhar não demorou um segundo: — Alfredo!

Na rua caía uma chuva miudinha, irritante. À porta do Hotel do Império estavam dezenas e dezenas de pessoas. Esperavam a entrada da Amália Rodrigues, a deusa do Fado. Pequenos e grandes mostravam-se indiferentes ao tempo. Mas mesmo aquella dura prova o futebol triunfou.

Os rapaziotos ao verem Guilhar esqueceram-se da Amália para dizerem, todos contentes: — Olha o Guilhar!...

ALVES TEIXEIRA



No primeiro ano em que Guilhar actuou à defesa, vêmo-lo num duocho correctíssimo. Na gravura Baptista e António Santos

UM EXCELENTE JOGADOR DANIEL

— Isto não se aprende, nasce com a pessoa!



DANIEL DUARTE SILVA

Isto não se aprende, nasce com a pessoa!..

Frase de conceito profundo, signifi-
fica de forma iniludível, que as qua-
lidades natas do indivíduo, lhe per-
mitem uma ascendência natural sobre
os que as não possuem.

Relembrei esta afirmativa de Dani-
el Duarte Silva, médio de ataque do
Sporting Clube de Braga, profes-
sora durante um treino, — ainda en-
vergava a camisola verde branca, —
quando terminou o prélio do Lumiar.
Daniel jogara como «grande» que é.
As suas invulgares qualidades de
«artista» da bola, revelaram-se de
forma notória, podendo classificar-se
a sua actuação, — sem o menor vis-
lumbre de exagero, — de brilhantí-
sima. O atleta que desde a temporada
de 1937-1938 até 1943-1944, alinhou
numa das equipas mais poderosas do
nosso país, o «Sporting», contando
agora 27 anos, continua a ser um
valor positivo do jogo.

A sua frente, tem ainda, longa es-
trada a percorrer. Recordando a car-
reira do popular Daniel, que foi ins-
crito pela vez primeira na A. F. L.,
em representação do Marvilense Fu-
tebol Clube, no nono mês do ano de
1935, fazemos os mais sinceros votos
para que continue a ocupar lugar
destacado, entre os bons valores do
futebol nacional.

Recordar é viver de novo, é des-
bobinar uma série de factos vividos,
que se fixaram na memória de forma
tão vinculada, que já mais poderão
ser esquecidos!

Na carreira de um atleta, abundam
motivos de interesse, que não nos
privamos de desvendar, ávidos de
conhecer em pormenor, quais as suas
reações íntimas, os seus anseios, as
suas desilusões, no ambiente sosse-
gado do viver diário, longe, portanto,
do meio ruidoso, apaixonado e efer-
vescente dos terreiros onde a prática
desportiva é seguida por milhares e
milhares de indivíduos, que dão lar-
gas à exaltação, vibrando intensa-
mente com o espectáculo alacre e
cheio de beleza estética!..

Temos à nossa frente, Daniel
Duarte Silva, comodamente sentado
numa cadeira de braços. Concentrou-
se antes de nos confidenciar as suas
recordações, como que a procurar
uma sequência e uma clareza na
narrativa que dispensasse qualquer

intromissão ou pedido de esclareci-
mento.

— Não estou repezo de ter vindo
para Braga, pois só encontrei provas
de amizade e apreço, quer por parte
dos directores do meu clube, quer da
massa associativa sportinguista e,
muito em especial, dos meus compan-
heiros de equipa, todos bons des-
portistas na verdadeira acção do
vocabulo.

Chamado a ocupar o lugar de ca-
pitão, não me eximi a essa prova de
exame, tendo a consciência de que
cumprir escrupulosamente os meus
deveres, disciplinando e, provando
sem tibieza, que também sou disci-
plinado, com relevo para o período
de 15 dias em que sobre os ombros
me pesou a responsabilidade de treinar
os meus colegas, durante a aus-
sência de Alberto Augusto.

Aspiro a ser «internacional», cume
difícil de atingir, mas aspiração má-
xima de qualquer jogador que se
preza e tem confiança, não só nos
seus recursos, mas também, na apre-
ciação justa de quem tem por missão
seleccionar. Registei com muito pra-
zer, com desbordante alegria mesmo,
as referências feitas, durante a época
que passou, pela Imprensa do Norte,
que tendo observado, com criterioso
cuidado, as minhas actuações durante
o Campeonato Nacional da II Divi-
são, me classificou como o melhor
médio-centro do Norte.

Gustavo Teixeira, um dia, selec-
cionou-me para um Porto-Lisboa...
Já lá vão uns anos. Tive e tenho
muita pena, que uma inoportuna dis-
tensão muscular me tivesse impedido
de alinhar. Capitaneando a selecção
bracarense, defrontei a equipa repre-
sentativa da cidade Invicta e, inte-
grado na turma leonina lisboeta, or-
gulho-me de ter alcançado o título
de tri-campeão, nesse ano, não muito
distante, em que o Sporting alcançou
essa proeza, até hoje por mais nenhum
clube português conseguida. Igual-
mente, de parceria com esse brilhante
e inolvidável jogador «internacional»
Manuel Soeiro Vasques, ao qual
estou ligado por fortes laços de ami-
zade e admiração, fui campeão de
Reservas. Presentemente, sou cam-
peão nacional da II Divisão, uma
vez que a minha equipa soube «arran-
car» com merecimento, esse valioso
título, para o registo dos feitos glo-
riosos da instituição minhota.

Uma vitória por cinco bolas sem
resposta obtida contra o Benfica...
Cardoso, Azevedo, Albano e Jesus
Correia, quando ainda faziam parte
das Reservas, motivou uma troca de
impressões com o pai, afirmando-lhe
ele, Daniel, que o filho viria a ser
«gente» na bola... António Mar-
ques, um bom jogador que começou
também a sua carreira no Marvilense,
ingressou depois no Sporting da ca-
pital e, áparte a sua permanência no
Académico do Porto, sempre o acom-
panhou nas equipas, estando a seu
lado na de Braga... Szabo, o com-
petentíssimo treinador, a quem devo
muitíssimo, pelos profícuos ensina-
mentos ministrados e que muitas

vezes lhe disse que não descurasse
os treinos, que teimosamente insis-
tisse na prática e aperfeiçoamento do
que lhe ensinava, pois seria um ex-
celente jogador, um «artista» do ba-
lão redondo, como esse maravilhoso
Ártur de Sousa (Pinga), único atleta
a quem dedicara interesse igual... O
Sporting Clube de Portugal, que re-
presentou durante sete épocas e ao
qual vota o maior carinho, sentindo
saudosamente, bem apertados os laços
de amizade e profunda admiração
que no seu ambiente tiveram berço,
pela camaradagem sã que sempre des-
frutou... As lágrimas de contenta-
mento que verteu, a quando da re-
cepção que se efectuou na Câmara
Municipal de Braga, para na casa
da cidade serem felicitados os ven-
cedores do Campeonato da II Divi-
são, regressados do Montijo, onde
disputaram o último prélio, — são
imagens do meu vasto album de lem-
branças.

Oxalá possa adicionar-lhe mais
uma: a de uma classificação honrosa
do meu clube no Campeonato Maior,
a galardão o seu trabalho passado,
o seu dinamismo presente e a sua
dignidade e prestígio, no futuro.

O treinador indicou as formações
das duas equipas que vão treinar e o
desafio começou, pouco depois.

Além deste e dos jogadores, ape-
nas algumas dúzias de «leões» ferre-
nhos daqueles que não deixam esca-
par nada, estão presentes no Estádio
do Lumiar.

A certa altura, Daniel de posse do
estérico, foi desarmado, irregular-
mente, por Manuel Soeiro e caiu.
Não se trocaram quaisquer explica-
ções e o treino prosseguiu até
que... chegou a vez de Daniel pro-
var, de forma exuberante, que não se
esquecera da falta cometida pelo colega.

Quando este se preparava, de novo,
para lhe arrebatar a bola, executou
duas «fintas» com tanta perfeição,
que Soeiro perdendo o equilíbrio,
caiu no solo, a todo o comprimento,
sem que tivesse havido «encosto».

Interrompendo a jogada, Daniel,
olhou para o companheiro, caído, e,
com o ar mais natural deste mundo,
exclamou:

— Isto não se aprende, nasce com
a pessoa!

Pitta Castelejo



Daniel — no lugar de avançado do Sporting Clube de Portugal, contra
o Belenenses, em 28 de Novembro de 1943, obriga Salvador, hoje
seu colega de equipa, a um mergulho. Mas a bola segue para a rede,
perante os olhares de Feliciano

Comentarios

Futebol até quando?

DESDE que a criação da Direcção Geral dos Desportos trouxe para o futebol o estabelecimento de uma data para limite do seu período de actividade, em ano nenhum se conseguiu que o preceituado fosse cumprido. Por esta ou por aquela razão, invariavelmente se autorizaram prorrogações, de cada vez com a indicação de que seria a última, mas com nova condescendência no ano seguinte.

Sabe-se que é difícil encaixar, dentro do período oficialmente estabelecido, todo o programa de competições da temporada e que aquele, com a manutenção dos regionais e equivalentes e o nacional alargado em número de concorrentes, fica completamente preenchido. Já morreu assim a Taça de Portugal; qualquer acontecimento extraordinário que possa surgir, e alguns são de molde a justificar todas as medidas, fica na dependência de autorização de prolongamento da época.

Este ano, para não fugir à regra, antes da abertura da temporada já já concedido um domingo suplementar; vem agora mais outro, para que possa disputar-se no Porto o encontro Norte-Sul e fala-se na vinda do Arsenal de um clube brasileiro. Até quando teremos então futebol?

É necessário ponderar a situação em que ficam, com esta invasão do seu «espaço vital», outras modalidades que atraíram numeroso público, sem a competição do futebol. O atletismo, por exemplo, é altamente prejudicado e vê comprometidas todas as suas iniciativas que careçam da colaboração dos espectadores.

Tudo tem o seu tempo; é desagradável surpresa ver ruirem, à última hora, todos os planos cuidadosamente estabelecidos à base de confiança no que está determinado e que afinal nunca pode ser mantido.

O problema do ciclismo

COM a entrega do prometido subsídio, pela Direcção Geral dos Desportos à Federação de Ciclismo, ficou resolvida a crise em que se debatia este organismo e vão ser finalmente distribuídos prémios e satisfatórios compromissos que datavam de 1943 para cá.

A Federação fica aliviada de responsabilidades passadas, mas precisa de mudar de vida, pois de outra forma voltará a cair na mesma situação dentro de poucos anos; aquela situação em que sucumbem todos os organismos aos quais são impostos de-

veres materiais, sem que lhes sejam asseguradas receitas compensadoras.

Assim o entenderam os dirigentes da F. P. C. que, depois de meticuloso estudo e ponderada reflexão, elaboraram um projecto de reforma estatutária onde as suas necessidades económicas são devidamente acauteladas e que se propõem apresentar em breve ao julgamento da assembleia geral das associações filiadas.

O assunto já é do conhecimento do público e sobre ele surgiram na imprensa especializada algumas pagas referências pouco animadoras, pois se baticinava a reprovação das medidas propostas, se não na totalidade, pelo menos em grande parte.

Ora o problema, que é de importância vital para a modalidade, precisa de ser acautelado antes de precipitadamente resolvido; os representantes dos clubes ou das entidades que sobre ele tenham de pronunciar-se em última instância, devem omitir, no seu critério de julgamento das medidas propostas, a influência dos seus interesses privados para apenas levarem em conta o interesse fundamental da entidade superior do ciclismo. Exigir-lhe capacidade organizadora, impor-lhe encargos, sem admitir que participe das eventuais receitas das organiza-

ções da modalidade e aumente na proporção lógica as suas receitas ordinárias, será tornar impossível a acção dos dirigentes e ir deliberadamente ao encontro de nova falência, com desprestígio para o ciclismo e grave risco para o futuro da sua existência organizada.

Os recordes mundiais de automobilismo

O desporto automobilista é regido internacionalmente por um organismo denominado Associação Internacional dos Automóveis Clubes Reconhecidos (A. I. A. C. R.), à qual — entre muitas outras coisas — compete homologar os recordes mundiais e manter em dia a sua tabela oficial. Incumbência idêntica, afinal, à que desempenha qualquer outra federação, mas que nos parece representar também um recorde no caso desta A. I. A. C. R.

Imaginam por acaso os nossos leitores quantos são os recordes mundiais arquivados por esta entidade?

Apenas 217, oitenta dos quais se referem a velocidade sobre distâncias progressivas, desde um

a tresentos mil quilómetros; e os 137 restantes a distâncias percorridas em tempos determinados e que se estendem desde uma hora até 133 dias, isto é, quase quatro meses e meio de circulação interrupta.

A velocidade máxima alcançada sobre a base de um quilómetro percorrido nos dois sentidos, é de 595 quilómetros por hora e foi estabelecida em 23 de Agosto de 1939, por John Cobb, na célebre pista do Lago Salgado. O mesmo condutor delem os recordes seguintes de velocidade, até às dez milhas, todos obtidos com partida lançada.

O recorde do quilómetro, partida parada, pertence ao alemão Rosemeyer e é de 188.km⁷ horários, estabelecido em 26 de Outubro de 1937.

Dos cincoenta aos mil quilómetros, o recordista é A. Jenkins, com a média de 281.km⁴⁷ aos cem quilómetros e 277.km³⁵ aos mil; desta distância em diante, os recordes foram alcançados por equipas de condutores que se rezoavam ao volante.

Os franceses detêm todas as marcas, desde as 10.000 milhas em diante e além dos três dias de marcha.

O recorde da hora pertence a Jenkins, com 284.km⁹³³ e o das 24 horas a Jenkins e Meyer, com 6074.km³⁸⁶.

A equipa C. e L. Marchand, Le Roy, Prédé, Fortin, Combettes, Bodecot, Vaillat e Berleaux, girando em Monthéry desde 15 de Março a 27 de Julho de 1933, apossou-se de todos os recordes a partir do 55.º dia de marcha, percorrendo em 133 dias a distância de 298.298.km⁹⁰², na média de 94.452 quilómetros horários.

S. C.

HIPISMO

Os cavaleiros espanhóis

bateram os recordes de altura e comprimento

O hipismo espanhol obteve, no ano que findou, um brilhante êxito, como que a finalizar uma época particularmente movimentada, na qual se obtiveram bons resultados e se manifestou a boa forma de alguns cavaleiros, à frente dos quais é justíssimo colocar os nomes brilhantes do tenente-coronel Navarro Morenés, que com o magnífico «Qaoram» alcançou um notável grapo de vitórias e os dois comandantes Ordozós González e Noguera Marquez, que foram brilhantes montando respectivamente «Retna» e «Ranchero», todos eles já nossos conhecidos.

Nem só estes, no entanto, se salientaram no decorrer da última época, visto que outros souberam elevar o nível e o prestígio da cavalaria espanhola.

A época que findou, trouxe aos cavaleiros do país vizinho, o

grande êxito proveniente da queda de dois recordes nacionais, que há muitos anos não eram batidos e que, diga-se em abono da verdade, não pareciam fáceis de bater, tal as marcas conseguidas.

O recorde espanhol de altura, fixado em 2.^m20 no ano de 1921 pelo Marquez de Trajillos, com o cavalo «Vendela», foi agora batido pelo comandante Garcia Cruz, um dos mais famosos concaristas de Espanha, montando a também famosa égua «Bengali» uma irlandesa de oito anos, que disputou o ditmo Concurso de Lisboa. Transpôs 2.^m22 estabelecendo o recorde peninsular.

Por sua vez o comandante Larráz, no irlandês «Fogoso», saltou em comprimento 7.^m10, destruindo o tenente Luzanária que, no cavalo «Andaz», colocara o máximo em 7 metros, no ano de 1905. Há 42 anos...

Estes dois acontecimentos provam, evidentemente, não só o valor dos concaristas espanhóis, como também a boa forma e qualidade de alguns dos seus cavalos, o que se nos afigura bastante importante em vésperas dos Jogos Olímpicos. O hipismo espanhol, já vencedor Olímpico em 1928, está com os olhos postos em Londres na mira de um bom resultado, para o qual se estão preparando, alincadamente, cavalos e cavaleiros, segundo as últimas notícias que recebemos de Espanha.

Felias afirmações que nos foram feitas recentemente, não deve ser difícil aos espanhóis a constituição de uma boa equipa que, de resto, parece já estar formada, pelo menos em princípio, sujeita é claro, a possíveis alterações.

Antas Teixeira

Stadium

GRACIOSIDADE E EQUILÍBRIO EM PATINS



Dores defende com êxito. Repare-se na estranha atitude de Moreira. Um pouco mais ao longe vê-se Hentes



Albano em luta com o adversário. Uma fase animada!

O JOGO DE COIMBRA



Travassos e Vasques desenvolvem uma jogada, mas a defesa académica defende-se vigorosamente



Nos Jogos Olímpicos de Inverno que brevemente se disputarão em S. Moritz figuram grandes campeões, entre os quais a graciosa patinadora inglesa Marian Davies, que representará o seu país nos referidos jogos



Pela primeira vez, oficialmente, apresentou-se o team de rugby do Instituto Superior de Agronomia, constituído por bons e conhecidos jogadores, os quais venceram o Sporting por 9-0

As corridas do "Grande Prémio"

A Associação de Lisboa levou desta vez os corredores do Grande Prémio para os terrenos do parque do Estádio Nacional e todos nós a devemos felicitar pela sua decisão.

Encontrou-se, enfim, onde trazar um percurso propício, suficientemente amplo, acidentado sem exagero, agradável para os concorrentes e interessante para os espectadores que, do local da meta, o podiam seguir integralmente com a vista.

Os principiantes percorreram um circuito de dois quilómetros, os juniores outro, aumentado para quatro quilómetros e os seniores cobriram, sucessivamente os dois traçados. A sinalização foi suficiente e a chegada instalada em local amplo e conveniente. O único erro a assinalar aos marcadores do percurso era uma forte ladeira que os concorrentes eram obrigados a descer logo a duzentos metros da partida, ainda em pelotão, com grave risco de possível desastre. Felizmente, nada sucedeu.

Tudo seria, portanto, satisfatório, se não houvesse a assinalar uma inexplicável demora no in-

cio das competições; marcada para as 10.30, a largada dos principiantes só veio a ser dada às 11.20 horas.

Não há desculpa plausível a apresentar, nem sequer a de atraso na apresentação dos corredores, pois o dever do júri é fazer a chamada à hora previamente designada e fazer partir aqueles que responderem.

Na prova de principiantes alinharam 26 atletas, representando o Atlético, Belenenses, Benfica e Sporting. O sportinguista João Conde destacou-se logo ao cabo de quinhentos metros, quando o pelotão torneava o campo de treino e fez todo o percurso à cabeça, ganhando e 6 m. 30,6 s., com cerca de quinze metros de avanço sobre o belenense Alvaro Rodrigues, que também fez boa prova, e mais de trinta sobre o benfiquense Arlindo Joaquim, que comandava um grupo mais unido, formado por José Alves (Bl.), Fernando César (Bl.), António Santos (Sp.), Aurélio Silva (Sp.), Damião Covinha (Bl.) e José Ferreira.

A luta foi sempre muito interessante entre as três equipas, que se mostraram bastante iguais; o Sporting venceu com 14 pontos,

ao passo que Benfica e Belenenses somaram 15.

Os 15 juniores, que partiram às 11.50 horas, depois de haverem estado um quarto de hora ao frio, na meta, à espera de um aviso para abalarem, bateram-se com energia e a classificação só se decidiu na parte final do percurso; até aos mil e quinhentos metros manteve-se um pelotão de oito unidades, das quais quatro entraram juntas na recta derradeira.

O belenense Joaquim Branco, que encontrou em oito dias a boa forma, venceu em 14 m. 46,2 s., seguido por Guedelha a dois metros e, a igual distância deste, por Vitor Baptista, ambos do Benfica. Entraram depois tres sportinguistas: Jaime Martins, Joaquim Quaresma e António Rezende, mas como o oitavo era de novo um benfiquista, o clube de encarnado ganhou a classificação colectiva com 12 pontos, contra 15 dos «leões».

Alinharam finalmente, quando a chuva já caía, 23 seniores: quatorze do Benfica, quatro do Sporting, três do Belenenses e dois do Atlético.

Partida muito rápida, com Arlindo à cabeça na tal descida pe-

rigosa, mas agrupamento imediato, que só se desfaz na subida para complemento da primeira volta, porque Filipe Luis aperta o andamento.

Na meta passam, ainda a curtas distâncias, Filipe; Rodrigues, João Silva e Alvaro Conde; Gonçalves, Gomes, Afonso Marques e Nogueira.

Na segunda descida Conde aproxima-se de Filipe, mas cai ao transpor uma vala e quando se levanta está em sexto lugar, empregando-se para melhorar de posição, conseguindo em breve volver ao segundo posto, com Gonçalves e Rodrigues na cola.

Aos três quilómetros, Marques e Nogueira, correndo de conserva, alcançam Silva e Gomes, aproximando-se-lhes Araújo.

Depois todos se separam, adiantando-se ou strazando-se conforme a capacidade de resistência; o belenense Rodrigues é, naturalmente, quem mais retrocede. Só Conde e Gomes se mantêm unidos e terminam, como há oito dias, colados.

Filipe Luis, grande vencedor, gastou 21 m. 10,6 s. (menos tempo do que a adição dos tempos dos vencedores em principiantes e juniores), precedendo Manuel Gonçalves de 13,2 s. e Alvaro Conde e Manuel Gomes de 23,8 s.; seguiram-se Afonso Marques, João Silva, José Araújo, José Miranda, Rodrigues e Nogueira.

O Sporting venceu por equipas, com 9 pontos, para 12 do Benfica.

Salazar Correia

E' um facto a tendência actual para a realização de prémios desportivos internacionais. Bendita seja, porque constitui um bom pronúncio de paz, entre os povos que sinceramente buscam essa salutar actividade, como meio de estreitar laços de solidariedade e mútuo entendimento.

De Norte a Sul, desde a Península Escandinava ao Mediterrâneo, e da Cidade oito vezes centenária às terras obscuras dos eslavos e dos balcânicos, é intenso o movimento desportivo, merecendo destaque, pela sua imponência espectacular, que arrasta milhões de entusiastas, os encontros inter-selecções nacionais de futebol.

Desde o começo da presente temporada futebolística, até ao fim de 1947, cerca duma vintena de nações participaram nessa magna manifestação de fraternidade universal, em todo o velho Mundo.

Com os dados que conseguimos compilar (e não sabemos se completos, em virtude da irregularidade com que recebemos os jornais desportivos estrangeiros) elaboramos um quadro de resultados e classificações, referentes aos jogos efectuados no último quadrimestre.

Checoslováquia, 6-Polónia, 3; Suécia, 7-Finlândia, 0; Suécia, 5-Polónia, 4; Hungria, 7-Bulgária, 0; Austria, 4 Hungria 3; Bélgica, 2-Inglaterra 5; Noruega, 3-Dinamarca, 5; Holanda, 6-Suíça, 2; Roménia, 2-Checoslováquia, 6; Irlanda, 2-Escócia, 0; País de Gales, 0 Inglaterra, 3; Noruega, 2-Suécia, 2; Checoslováquia, 2-Austria, 1; Suíça, 4-Bélgica, 0;

Panorama do Futebol Europeu

Uma estatística curiosa

Inglaterra, 2-Irlanda, 2; Iugoslávia, 7-Polónia, 1; Bulgária, 6 Roménia, 1; Escócia, 1-País de Gales, 2; Austria, 5 Itália, 1; Inglaterra, 4 Suécia, 2; Portugal, 2-França, 4; Itália, 3-Checoslováquia, 1.

E' verdadeiramente notável a expressiva actividade de alguns países, como a Suécia, Checoslováquia e Inglaterra, que tomaram parte em 4 provas, o que atesta, como exemplo a ponderar, a excelente organização do movimento interno dos respectivos Campeonatos.

Entretanto, em Portugal, continuamos a contar e recontar as datas disponíveis... para a efectivação dos jogos dos nossos Torneios.

Tomando por base os resultados anotados acima, podemos ordenar a seguinte classificação dos países que tomaram parte em mais de um jogo.

Inglaterra: 4 jogos, 3 vitórias, 1 empate e bolas 14-6; Checoslováquia: 4 jogos, 3 vitórias, 1 derrota, 15 8; Suécia: 4 jogos, 2 vitórias, 1 empate, 1 derrota, 16-13;

Austria: 3 jogos, 2 vitórias, 1 derrota, 10-6; Irlanda: 2 jogos, 1 vitória, 1 empate, 4-2; Itália: 2 jogos, 1 vitória, 1 derrota, 4-6; Hungria: 2 jogos, 1 vitória, 1 derrota, 10-4; Suíça: 2 jogos, 1 vitória, 1 derrota, 6-6; Gales: 2 jogos, 1 vitória, 1 derrota, 6-8; Bulgária: 2 jogos, 1 vitória, 1 derrota, 6-8.

Com 1 vitória, em um jogo disputado, classificam-se a Holanda, Dinamarca, França e a Jugoslávia. Com 1 derrota, Portugal e a Finlândia; com 2 derrotas: Escócia, Bélgica e Roménia. E com 3 derrotas (algumas com marcas curiosas), a Polónia.

Como frizámos atrás, estes fo-

ram os elementos que conseguimos reunir, estando, por isso, sujeito a lapso involuntário, os números apresentados; especialmente os referentes aos países menos cotados no «Mundo da bola».

Os «smatchs» que disputaram mais interesse, pela sua enorme transcendência mundial, foram aqueles em que intervieram as selecções representativas das seis primeiras potências futebolísticas da Europa: a Inglaterra — com o seu futebol altamente científico, fazendo aiarde duma superioridade técnico-táctica que só encontre rival para além do Atlântico-Sul —; a Itália — Campeã do Mundo, com uma selecção plébrica de vivacidade que é bem o reflexo da alma latina —; a Suécia — a revelação do Futebol nórdico, com uma equipa de excepcional estampa atlética —; e a Checoslováquia — que no ressurgimento do Futebol da Europa Central, conseguiu tornar a dianteira, talvez porque se mostrou menos renitente em aceitar os modernos sistemas tácticos do jogo...

Vasco C. Santos

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00

O VIANENSE derrotou o VILA REAL

e o S. L. Viseu e o Operário obtiveram a primeira vitória

Os resultados da última jornada:

Vianense ... 2	Vila Real ... 1
Salgueiros ... 1	Famalicao ... 1
Académico ... 1	Leixões ... 4
Oliveirense ... 2	Sanjoanense ... 1
Ferrovários ... 0	S. C. Covilhã ... 2
L. Santarém ... 3	Naval ... 1
U. Coimbra ... 8	G. Alcobaca ... 1
S. L. Viseu ... 2	S. L. C. Branco ... 1
Operário ... 3	Luso ... 1
F. Benfica ... 2	Oriental ... 5
Barreirense ... 2	«Cuf» Barreiro ... 0
Casa Pia ... 5	Onze Unidos ... 3
Portalegrense ... 4	Moura ... 2
G. D. Beja ... 4	Lusit. Evora ... 1
U. Montemor ... 3	Campomaiorense ... 2
Portimonense ... 3	Boa Esperança ... 1

Como pode apreciar-se rapidamente, os estragos foram rasáveis. O Vila Real sofreu nova derrota, agora perante o Vianense, e os transmontanos tem de acautelar-se de futuro... O Leixões e o Famalicao, ambos com 15 pontos, menos 1 que o «leader», podem tolher-lhe a carreira de um momento para o outro.

Verdade seja que o Famalicao também cedeu um ponto mais, agora ao Salgueiros. Se os minhotas tivessem ganho o jogo, estavam agora colocados excelentemente. O campeonato, na zona A, parece despertar extraordinário interesse, pois há grupos de valor aproximado, não podendo fixar-se a nossa atenção num possível vencedor, pelo menos do Oliveirense até ao Vila Real.

Também deverá ser fora de dúvida que o Académico não consegue safar-se do último posto. O Salgueiros, com 3 pontos mais, deve ter hoje outras possibilidades.

Na zona B verificou-se a primeira vitória do Sport Lisboa e Viseu, contra os outros encarnados de Castelo Branco. Já se notou, nas últimas jornadas, a subida de forma dos rapazes de Viseu. O jogo de domingo foi por certo a confirmação, pois os albiastreenses não possuem má equipa.

Os «leões» da Serra continuam a escalar a subida com todos os cuidados! Jogaram fora de casa, no Entroncamento, mas ganharam ao aguerido Ferrovário por 2-0. Comandam a sua zona com 5 pontos de vantagem. Não devem ter apreensões de qualquer natureza.

Na mesma zona, o União de Coimbra conseguiu mais um resultado expressivo, contra o Ginásio de Alcobaca.

Atualmente — o S. C. da Covilhã está a grande distância... Esta distância do «team» da vanguarda desvaloriza um pouco a competição, nesta zona.

Mais equilibrada, tal como a zona A — temos a zona C. O Barreirense, no domingo vencedor de adversário perigoso, «Cuf» do Barreiro, agarra-se ao ponto de vantagem com todos os cuidados, não devendo temer-se um «golpe de teatro». Isto no papel, evidentemente.

Na mesma zona, o Operário conseguiu ganhar! Foi sua vítima o Luso do Barreiro, que também vive

nos últimos lugares da classificação. Esta vitória dos antigos jogadores de S. Vicente, embora tardia, pode contribuir para os animar em lutas futuras.

Excelente o comportamento do Casa Pia, que venceu o Onze Unidos do Montijo por 5-3. Os montijenses são adversários difíceis de dominar, pois já deram provas nesse sentido. Logo, o triunfo caspiano merece um apontamento.

Entre o Alentejo e o Algarve — ganham os algarvios com a classificação do Portimonense. Na última jornada, a luta desenvolveu-se entre grupos da mesma terra, mas o conjunto de vanguarda não tremeu desta vez na frente do Boa Esperança, ao contrário do que sucedeu na primeira volta. A vitória não foi folgada, mas sempre são dois tentos a mais. Dois tentos e dois pontos.

O União de Montemor, embora pela tangente, ganhou ao Campomaiorense por 3-2. Os rapazes de Montemor não tem obtido grandes resultados, mas os campomaiorense conseguiram já algumas vitórias que denunciam interessante valor. O facto valoriza a vitória do União. O Lusitano parece mal preparado e o Portalegrense continua a dar boa conta de si.

Mas ainda faltam alguns jogos...

Zona A		J.	P.
S. C. Vila Real	10	14	
Famalicao	10	13	
Leixões	10	13	
Oliveirense	10	12	
Sanjoanense	10	9	
Vianense	10	8	
Salgueiros	10	7	
Académico	10	4	

Zona B		J.	P.
S. C. Covilhã	10	18	
União de Coimbra	10	13	
Naval	10	10	
S. L. C. Branco	10	10	
«Leões» Santarém	10	10	
Ginásio Alcobaca	10	9	
Ferrovário	10	7	
S. L. Viseu	10	3	

Zona C		J.	P.
Barreirense	10	17	
Oriental	10	16	
Cuf do Barreiro	10	14	
Onze Unidos	10	10	
Casa Pia	10	8	
F. Benfica	20	6	
Luso do Barreiro	10	5	
Operário	10	4	

Zona D		J.	P.
Portimonense	10	17	
Portalegrense	10	16	
Desportivo de Beja	10	14	
Atlético de Moura	10	11	
União Montemor	10	8	
Campo Maior	10	7	
Boa Esperança	10	6	
Lusitano (Evora)	10	1	

DE LUTO

António do Carmo

Morreu mestre António do Carmo, um homem que foi um excelente ginasta, admirável professor, e, acima de tudo, um carácter recto e bondoso, uma pessoa afável e cavalheiresca, espirito fino e pundonoroso.

O seu enterro, no domingo passado, reuniu muitas pessoas, amigos da família e velhos camaradas do desporto que, com os olhos marejados de lágrimas, prestaram a última homenagem ao amigo e ao desportista.

A sua acção ficou assinalada em vários clubes, mas a sua maior afeição era para o Sporting, o clube a que votava o maior carinho. A urna foi coberta com a bandeira do Sporting.

Dr. Renée Vallet Gala

Faleceu no passado sábado a sr.ª D. Renée Vallet Gala, esposa do importante comerciante sr. António Guerreiro Gala, mãe dos srs. Vasco Guerreiro Gala, António Guerreiro Gala Junior, e Jorge Costa, e avó do sr. dr. Jorge Felner da Costa, chefe dos Serviços Centrais da F. N. A. T., e Pedro Felner da Costa.

A extinta deixa a mais viva saudade. Era um espirito nobilíssimo e gentil, que tocava de ternura todos os sentimentos.

Ao sr. António Guerreiro Gala

e dr. Jorge Felner da Costa, nossos bons amigos, apresentamos a expressão do nosso pesar.

Tenente-Coronel Silva e Costa

Vítima de um acidente trágico e brutal faleceu o sr. tenente-coronel António José Alvaro da Silva e Costa, genro e ajudante de campo do sr. Presidente da República. Quando verificava um carregamento da Companhia da Zambesia, de que era administrador-delegado, a bordo do *Rovuma*, um acidente arrancou-lhe brutalmente a vida.

A notícia da sua morte foi profundamente sentida. Era uma pessoa brilhante, de sólida cultura e de trato encantador. O seu enterro constituiu uma grande expressão de dor e saudade.

O sr. tenente-coronel Silva e Costa era casado com a sr.ª D. Cesaltina da Silva e Costa, e pai dos srs. dr. Oscar Carmona e Costa, secretário particular do sr. Presidente da República, António Carmona e Costa, chefe de secção da F. N. A. T., e nosso bom amigo, D. Maria do Carmo Carmona e Costa Portela, e Vitor Manuel Carmona e Costa, estudante da Faculdade de Ciências.

A família enlutada, e especialmente ao venerando Chefe do Estado, apresenta a *Stadium* sentidas condolências.

JUNIORES

Apreciação aos últimos jogos

A prova continua, mas em autêntico mar morto. Os primeiros classificados já são conhecidos, e isto faltando ainda 3 jornadas para o fim da segunda volta.

Sómente na primeira e segunda série, poderá haver alteração na classificação geral; nas restantes, a prova está virtualmente arrumada.

Futebol Benfica, Estrela Amadora e Casa Pia, terão até o fim desta segunda volta de se empenharem bastante nos jogos que lhes faltam, pois marcham muito próximos e uma daquelas equipas terá de ser desalojada. Isto, é claro, pela razão de que o regulamento não permite que a equipa B do Benfica continue na prova, mesmo invencível como está...

Na segunda série as coisas passam-se mais rijamente, pois tanto o Aguias Vilafranquense, como o Alverca, o Sacavenense e o Alhandra ainda não se podem considerar definitivamente classificados.

Terão de lutar até o fim, embora a equipa do Aguias Vilafranquense esteja mais bem classificada para a segunda fase da prova.

Na terceira série, Sporting e Oriental não cedem os dois primeiros lugares, estando apurados.

Belenenses e Estoril, na quarta série estão nas mesmas condições e passam para a fase final da prova.

A equipa do Benfica-A continua invencível e é impossível perder o primeiro lugar na quinta série. Cascalheira e Desportivo Operário terão de jogar para o segundo posto.

Por último, na sexta série, Atlético-A e Palmense já estão classificados.

A medida que a prova prossegue, o interesse vai diminuindo e isto porque existe uma grande diferença de valores entre as várias equipas; lá se vai a tal gloriosa incerteza do desporto...

Os resultados da última jornada foram os seguintes:

Atlético B	1	Parade	0
D. Operário	3	Sporting B	0
C. P.	0	Operário	4
F. Benfica	0	Benfica B	5
Estoril	1	Belenenses	2
Sporting A	1	Oriental	1
Sacavenense	0	Vilafranquense	3
E. Amadora	4	Tarjense	3
Cascalheira	3	Arroios	1
Alhandra	1	Alverca	1

M. V.

Victor Baptista e Arsenio, numa posição curiosa, procuram captar a bola e fazer golo, mas o adversário não dorme. Alberto e Laranjeira lutam com denodo



Já na fase do fim, em busca do empate, Francisco Ferreira passou para atacante. Era o recurso supremo, mas todos os esforços benfiquenses resultaram inúteis



10.ª JORNADA

Laranjeira executa oportuno e magnífico mergulho



Meno carregado com impeto o guardião Correla executa uma boa defesa por alto



Uma fase do ataque elvense e da defesa de Belem. O Elvas defendeu-se e atacou bem



Só por milagre não foi golo! Semedo teve tempo de emendar a defesa. Os belenenses atacam em boa ordem



O ataque setubalense desenvolve uma ofensiva perigosa, mas Armindo consegue captar a bola e afastar o perigo



Primeiras actividades

de uma temporada
p r o m e t e d o r a

JÁ o dissémos no último número: Portugal tem um nome grande a defender no óquei em patins. E esta nova época vai ser, confiamos nisso em absoluto, de confirmação de mérito alcançado com a conquista dos campeonatos do Mundo e da Europa.

Portanto, não descansar à sombra dos louros colhidos, deve ser a preocupação primordial do óquei lusitano. Assim o compreendem todos: dirigentes e praticantes. É que a temporada seja, como a anterior, gloriosa — eis os desejos de quantos se interessam pelo desenvolvimento da modalidade.

A acção começou cedo — como convinha. Pela disputa da «Taça de Honra». Este torneio tem a comparticipação de 12 equipas. Todas (menos uma só) as de Lisboa e arredores: Amadora, Cascais, Paço de Arcos, Parede, Santo Amaro de Oeiras e Sintra. E ainda de Setúbal — região fora do distrito mas onde não existe associação organizada.

Nas duas primeiras jornadas, com bastante público, registaram-se os resultados seguintes: Paço de Arcos venceu Oquei C. P. e Sporting de Oeiras, respectivamente, por 9-0 e 5-1; Sporting de Oeiras derrotou Lisgás por 5-0; Académica da Amadora derrotou Benfica por 4-1; Cascais venceu Campo de Ourique por 5-0 e Naval Setubalense por 2-1; Futebol Benfica derrotou Parede por 8-0; e Oquei de Sintra bateu Naval de Setúbal por 12-0.

Verificou-se, por conseguinte, aquilo que tínhamos de antemão previsto: desnível grande de valores em face da «classe» dos concorrentes. E desde já — a prova, assim, quase não tem interesse! — vislumbram-se os finalistas... Paço de Arcos e Oquei de Sintra reúnem maior número de votos; se bem que o Futebol Benfica tenha probabilidades de inquietar a candidatura dos sintrenses, na série 2, enquanto a Académica da Amadora, Sporting de Oeiras e Cascais podem ser bons «segun-

dos planos». Mas, repetimos, a competição apresenta simplesmente um carácter de treino nas circunstâncias em que se disputa. O que já não é pouco nesta altura... Exigir mais, seria, portanto, um absurdo.

Anteontem defrontaram-se, em desafios correspondentes à terceira jornada, Académica-Lisgás e Benfica-Oquei (série 1), Futebol Benfica-Campo de Ourique e Sintra-Parede (série 2), jogando depois de amanhã, Paço de Arcos-Amadora, Cascais-Parede, Benfica-Lisgás e Sintra-Futebol Benfica. O último encontro pode fornecer a indicação de um dos finalistas.

No campo internacional também as actividades não foram descuradas. Vamos ter ainda este mês o 8.º Portugal-Bélgica e o 2.º Lisboa-Antuérpia, respectivamente, nos dias 29 e 31. Em 2 de Fevereiro realiza-se o 1.º Porto-Antuérpia.

Nestas jornadas colaboram, em patinagem artística, os campeões belgas, Fernanda van Aken e José Cré. A seguir os jogadores portugueses farão três desafios em Espanha, com a seguinte distribuição: Barcelona-Lisboa, no dia 8 de Fevereiro, em Madrid; Portugal-Espanha, no dia 10, também em Madrid; Barcelona-Porto, no dia 13, em Reus. Os espanhóis retribuirão ainda a visita ainda no mês de Fevereiro, jogando-se a 24 o Portugal-Espanha, a 26 o Lisboa-Barcelona, e a 29 o Porto-Barcelona. Em Maio a Federação promoverá em Lisboa um Torneio das Nações para o qual convidou as equipas que em 1947 vieram a Portugal disputar os campeonatos do Mundo e da Europa e mais a Holanda e o Egipto, recentemente filiado na Internacional.

Mas desta valiosa campanha — tendente à preparação da equipa de Portugal com vista no próximo campeonato do mundo e da Europa — falaremos mais de espaço no próximo número.

Jorge Monteiro

O Portugal-Espanha

deve realizar-se em Lisboa
no dia 3 de Maio

A temporada «internacional» do basquetebol português — tão brilhantemente principiada com a triunfal viagem do Benfica ao sul da França — deve ter, nos meses de Maio e Junho, uma série de organizações que muito poderão contribuir para o seu progresso e popularidade.

Neste momento, está já assegurada a realização das duas provas peninsulares — Portugal-Espanha e Torneio Ibérico. O encontro entre as equipas dos dois países efectuar-se-á, em Lisboa, possivelmente, no dia 3 de Maio e o «Torneio», a que concorrem os dois primeiros classificados dos respectivos campeonatos nacionais, será disputado em Madrid ou Barcelona, em Junho.

Além destas duas esplendidas jornadas, a Federação de Basquetebol está a estudar uma proposta da sua congénere belga, que mostrou desejos de trazer, ainda esta época, a Portugal, a sua equipa representativa. Se os dois organismos chegarem a acordo, a época internacional do nosso basquetebol ficará consideravelmente enriquecida.

Prossegue, com os inconvenientes tantas vezes apontados, o XXI campeonato de Lisboa. O campo do Alentejo tem recebido algumas dezenas de desportistas mais dedicados, daqueles que nunca faltam a estas organizações, quer chova quer esteja um calor tropical...

Nos jogos correspondentes à terceira jornada da 1.ª volta, o Spor-

ting venceu o Lisboa Ginásio, por 33-31, o Benfica derrotou o Algués, por 42-23 e o Carnide perdeu com o Atlético (42-33). Com o resultado indica, o encontro entre «leões» e «ginasistas» decorreu com grande equilíbrio, embora, no primeiro tempo, o Sporting tenha alcançado a vantagem de 22-3. No entanto, como uma poderosa reacção do seu adversário colocou o marcador em 22-16, os derradeiros momentos da partida foram particularmente emocionantes. O Benfica venceu naturalmente o Algués, construindo um resultado comportável que confirma a excelente regularidade da equipa.

No encontro Atlético-Carnide, os alcantarenses alcançaram uma boa vitória, embora tenham sido obrigados a consentir, durante algum tempo, o domínio dos antigos campeões nacionais. Ao intervalo, as equipas estavam empatadas 20-20.

Os primeiros jogos da 4.ª jornada proporcionaram vitórias ao Algués, ao Sporting e ao Benfica, respectivamente, sobre o Belenenses, o Lisgás e o Carride.

A nota sensacional da noite foi dada pelo Algués, que derrotou a forte equipa do Belenenses, por 23-21. Jogo emotivo, com constantes alterações do marcador e evidente interesse até ao último lançamento da partida.

O Sporting, derrotando o Lisgás, por 28-21, deu uma indicação preciosa das suas possibilidades. Finalmente, o Benfica inflingiu ao Carnide a sua quarta derrota nesta prova e exibiu-se de forma a dar confiança aos seus inúmeros simpatizantes.

Monteiro Peças

AUTOMOBILISMO

Rallye de beneficência

organizado pelo Clube dos 100 à Hora

O Clube dos Cem à Hora, cuja actividade é a todos os títulos muito interessante, levou a efeito uma prova de regularidade e turismo, a que chamam «Rallye de Beneficência», em virtude do produto reverter a favor das famílias dos naufragos do norte.

No Rallye tomaram parte 19 concorrentes, destacando-se alguns dos melhores nomes do automobilismo desportivo.

O percurso era de 110 quilómetros, nos arredores de Lisboa, seguido de uma prova comple-

mentar, verificando-se as seguintes classificações:

Classe A: 1.º Joaquim Filipe Fonseca Nogueira; 2.º Simon Kundsén Hansen; 3.º António Leitão d'Oliveira; 4.º Domingos Sousa Rolão, 5.º Filipe António Vilhegas; 6.º Helder D. D. Pereira; 7.º Domingos Lopes Mega e 8.º Manuel Tavares Lopes.

Classe B: 1.º Hernani Ramazotti Lobo; 2.º Armando Gaio; 3.º Alberto C. Nunes Carvalho; 4.º José Emídio da Silva Júnior e 5.º Adriano Brito de Morais.

ARCADIA O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

AOS DOMINGOS, CHÁ-DANÇANTE
das 17,30 às 20 com todas as atracções

EXITO EXTRAORDINÁRIO DA BAILARINA ACROBÁTICA **EVA WALTER**

Em pleno triunfo: os príncipes Mercedes Leon e Albano Zuñiga do baile espanhol

Carmen Vicente, Carmelita del Rio, Alicia Suarez e outras atracções

Musica constante pelas orquestras

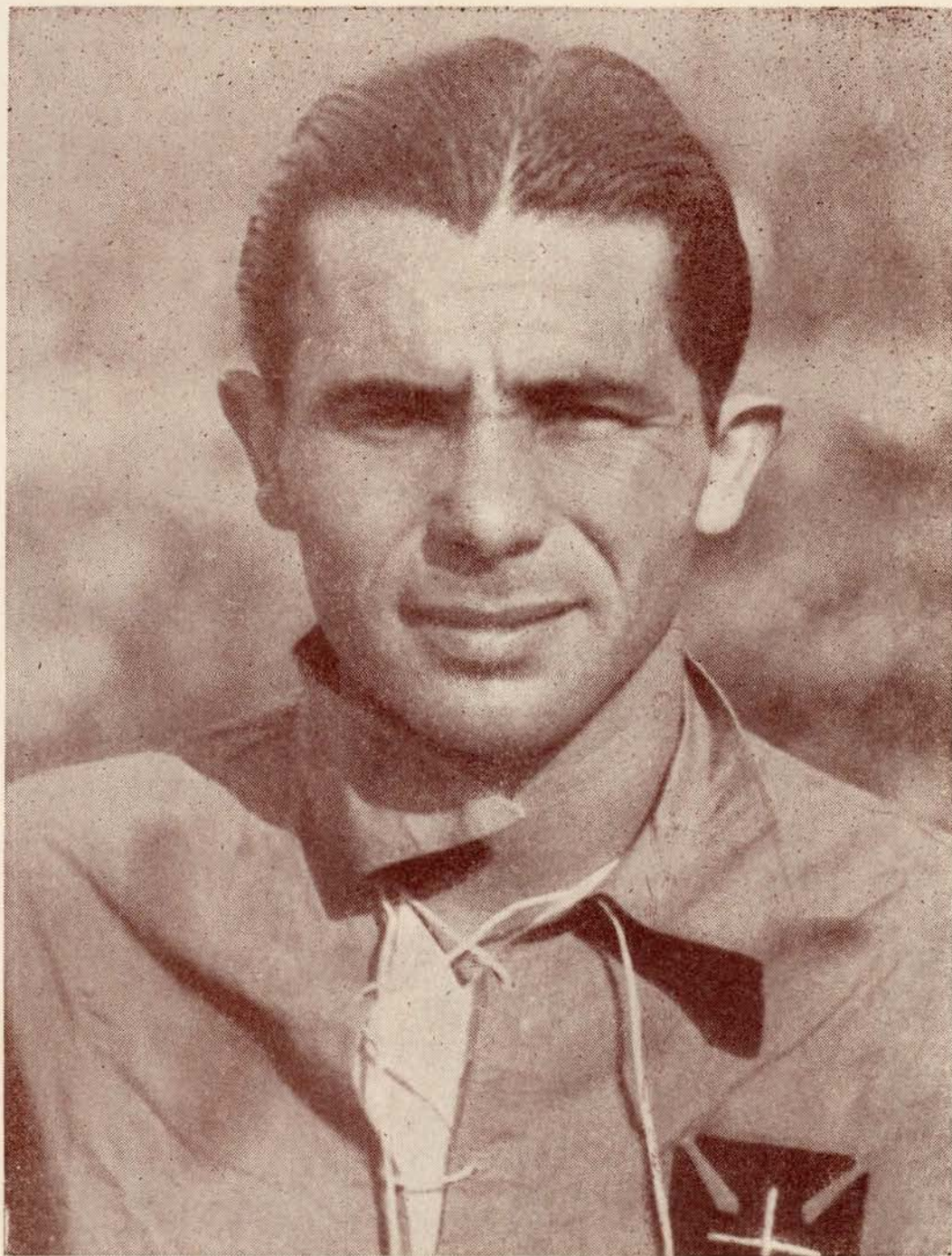
CELIA y sus DUKES - ARCADIA

com a vocalista **JUANITA RODRIGO**

Abertura às 22 horas — 1.ª Parte de Variedades às 24,15 horas

Mariano Rodrigues Amaro

(DO BELENENSES)



Nasceu em Lisboa, a 7 de Agosto de 1914. Em 1931-32 jogou no Adicense; a seguir, em duas épocas, não disputou encontros oficiais, para se inscrever em 1934 pelo Belenenses — o clube que representa há 14 anos. Médio de ataque por excelência, de rasgada visão do jogo, executa todos os lances com uma correção modelar. 19 vezes internacional.

Carlos Baptista de Jesus

(DO ATLÉTICO)



Nasceu em Lisboa, a 12 de Maio de 1916. Estreou-se oficialmente no Paço de Arcos, aí jogando de 1934 a 1939. Nessa época ingressou no Carcavelinhos e continuou no Atlético, após a fusão. Defesa central, de recursos técnicos e físicos, impõe-se pela colocação no terreno e pela facilidade do seu forte pontapé.

Os ingleses gastam por ano mil milhões de libras no jogo

Metade da população adulta aposta no futebol

Por WALTER DAVIS, redactor da Reuter

Os ingleses dispõem em jogo, anualmente, mil milhões de libras, isto é, quase o total do empréstimo americano à Grã-Bretanha.

Um relatório recentemente publicado pela Comissão das Igrejas sobre o jogo declara que o montante total dispendido nos três jogos mais populares elevou-se no ano passado a 950 milhões de libras.

Esse relatório diz que o público britânico dispendeu, em 1946, 450 milhões de libras em corridas de cavalos, 430 milhões de libras em corridas de galgos e 70 milhões de libras em apostas sobre o futebol.

A Comissão das Igrejas calcula que o total em 1947 será ainda superior, especialmente no que diz respeito às apostas sobre o futebol.

Uma estatística feita em Fevereiro de 1947 revela que provavelmente metade dos adultos da Grã-Bretanha participa nas apostas sobre o futebol — um sistema de apostas prevendo os resultados dos desafios — e que 17 por cento do público toma parte em muitas outras formas de aposta.

Estas apostas parece serem mais frequentes nas classes pobres do que nas classes ricas. Calcula-se que apenas 43 por cento da gente pobre não aposta.

Recentemente, alguns membros do Parlamento representantes das várias igrejas lançaram violentos ataques contra o facto de se dispendirem enormes somas no jogo. Esses ataques basearam-se nalguns casos em fundamentos morais; mas, sobretudo pela quantidade de pessoas empregadas nas apostas de futebol, numa época em que as indústrias essenciais do país, empenhadas num esforço supremo para aumentar as exportações, não dispõem de mão de obra suficiente.

As apostas de futebol são consideradas como a sétima indústria em importância de toda a Grã-Bretanha, indústria que teve no ano passado um movimento de mil milhões de

libras, segundo consta, empregando-se nela 200.000 pessoas.

Muitas firmas que se dedicam a esse negócio têm escritórios espaçosos e bem mobilados e constituem a última palavra na eficiência e na organização.

Essas apostas têm sido sujeitas a críticas, tanto pelo pessoal que nelas trabalham como pela necessidade de fornecimento de papel e pelo acréscimo dos serviços postais, que têm de distribuir semanalmente 14 milhões de pacotes de bilhetes das apostas.

Um outro argumento apresentado é que o homem que está sempre à espera de ganhar ao jogo perde o interesse em ganhar mais do que tem num trabalho aborrecido. E ao passo que os rendimentos estão sujeitos a elevadas contribuições, o que não acontece aos lucros do jogo, esta especulação começa a parecer dinheiro sem valor.

Um deputado, Cyril Osborne, que é também corrector e economista, declarou na Câmara dos Comuns que as probabilidades de acertar 20 resultados exactos de desafios de futebol eram de 3.468.784.401 contra uma. Mas o Governo recusou-se a pôr termo às apostas declarando que não tem o direito de intervir na forma como as classes trabalhadoras dispõem do seu dinheiro e quando lhes apetece.

Entretanto, o Governo reduziu o

papel às firmas de apostas e converteu essas firmas a empregarem velhos de forma que os jovens, principalmente raparigas, possam trabalhar nas fábricas de tecidos.

A maior parte das grandes firmas de apostas encontra-se no Lancashire, região das grandes fábricas de tecidos.

Aumentou também a popularidade das corridas de galgos. Cerca de 50 milhões de pessoas frequentaram as 200 pistas de corridas em 1946 e as receitas foram cinco vezes maiores do que as de antes da guerra.

Até agora as tentativas para reduzir o jogo não foram coroadas de êxito. Pelo contrário, as restrições legais estabelecidas criaram uma indústria que, na sua forma actual, é impossível fiscalizar ou levar a pagar contribuições.

Por exemplo, são proibidas as apostas nas ruas e nos lugares públicos sobre as corridas de cavalos, mas os «bookmakers» têm ao seu serviço homens que recolhem apostas nas ruas, trazendo provavelmente

aos escritórios cerca de 100 milhões de libras esterlinas por ano.

A grande dificuldade do Governo é descobrir um sistema para lançar contribuições sobre as apostas, sistema que não permita subterfúgios.

Quando Winston Churchill foi Ministro das Finanças criou, em 1926, um imposto sobre as apostas, mas a sua iniciativa falhou por dificuldades administrativas e teve de ser posta de parte.

Sir Stafford Cripps, actual Ministro das Finanças, prometeu não se esquecer das apostas quando apresentasse o seu orçamento; contudo, não foi capaz de encontrar um sistema que os «bookmakers» não pudessem iludir.

Para começar, o Governo no orçamento de emergência do Outono passado criou um imposto de 10 por cento sobre os rendimentos das corridas de galgos e dos desafios de futebol. Mas essa medida traz apenas 15 milhões de libras por ano e os «bookmakers» conseguem escapar às malhas da lei. — W. D.

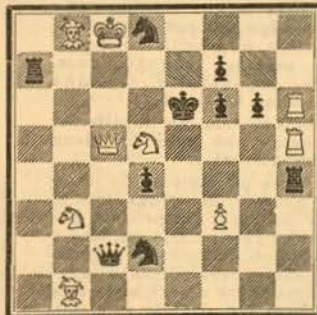
INICIATIVAS DA «STADIUM»

O "match" Luso-Espanhol em Problemas de Xadrez

g) Os quintos classificados

Tema Portugal

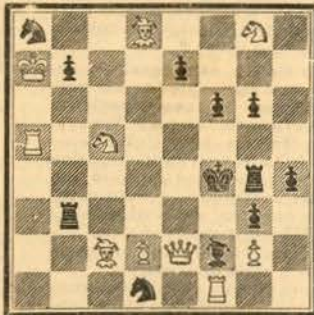
J. GARCIA LLAMAS
Barcelona



Classificação: (4.º-5.º ex-aequo). Kipping: 9 (4.º); Seilberger: 7 (5.º) = 16 pontos.

Tema Espanha

F. GONZALEZ GUILLEN
Santa Margarita



Classificação: Kipping: 9 pontos (4.º); Seilberger: 6 (7.º) = 15 pontos.

Veredicto do juiz C. S. Kipping: (G. Llamas, tema P. Sol. 1.151) — «as duas variantes temáticas são boas e a despreagem directa é interessante» (Na variante de fuga de rei, temática, há um belo efeito de auto-pregagem negra, com dual evitado, isto é, o cavalo só pode dar mate (a descoberto) jogando a f4, pois se 2.Ce7, então Rf4! A outra variante (DxT; 2.Dd6) é vulgar. Bom complemento: 1... Ce4; 2.Cd4, V. S.)

Problema de Guillen (Tema E.): Sol. 1.Dx7e. «De novo» duas

variantes temáticas a cargo de um só cavalo. Também a fuga diagonal exige aqui um cavalo branco ocioso». (A posição é solta, mas não harmoniosa. As variantes principais não tem o teor significativo estratégico, que não seja o exigido no tema.

A classificação atribuída por Seilberger parece-me que se condona melhor com o valor real do problema.

Comentários-extras
de Vasco Santos

BOAS FESTAS

Tiveram a amabilidade de enviar cartões, officios e telegramas de Boas Festas à nossa Revista as seguintes entidades: Associação de Futebol de Lisboa, Associação de Futebol de Beja, Associação de Patinagem do Sul, Organização Nacional da Mocidade Portuguesa, Federação Portuguesa de Basquetebol, Clube Naval de Sesimbra, Lisboa Ginásio Clube, Sport Lisboa e Benfica, Olímpico Clube de Portugal, Sport Grupo Sacavenense, Associação de Andebol de Lisboa, Clube Sportivo de Pedrouços, Sporting Clube de Tomar, Clube Desportivo Lisgás, Clube Oriental de Lisboa e Associação de Futebol de Viseu; Legação da França; Alípio Dias & Irmão, do Porto, Artur Vicente S. Pedro, de Elvas; G. M. da Silva Pinto; A Triográfica; Cândido R. Gambôa, de Riomão; José Ferreira & Filho, de Oliveira de Azeméis; Companhia Portuguesa Rádio Marconi; Empresa de Sacos de Papel, Lisboa; Armeis & Moreno, Limitada; Pedro Gomes Aparício, em seu nome e no da Agência «Efe»; Neogravura, Limitada; Armando Calixto, de Rio Maior; A Gestener, Limitada e Emn. Pappamikail, Jacques Grasset, director do Commissariado Geral do Ensino Francês em Portugal; Fundação Tipográ-

fica Portuguesa, Limitada, do Porto; Afonso Pinto Ferreira, de Coimbra; Manuel da Silva Braga, do Porto; Orfanato Municipal Presidente «Sidónio Pais»; Grupo Desportivo Ferroviários de Campanhã; Jeux Olympique d'Hiver, St. Moritz (Suíça); Federação Portuguesa de Ciclismo; Sport Clube Tipográfico; Clube Desportivo de Arroios; Sport Lisboa Rio de Janeiro; Associação de Natação de Lisboa; Federação Portuguesa de Patinagem; Sport Algés e Dafundo; Lusodex, L.da; Quosque Sport; Sociedade Revendedora de Papéis; M. Mendes da Fonseca; Sociedade Leraicta, L.da (Casa Gil); A. Rodrigues; Companhia de Seguros Ultramarina; J. C. Alvarez, L.da; Albino José de Magalhães, L.da, de Benguela; Sport Clube Maria Pia; Mocidade Portuguesa, Ala de Tomar; A. de Campos Junior, director do «Volante» e «Atomo»; professor José Crisóstomo Teixeira; Manuel Guedes, L.da; de Lisboa; Fotogravura Serrano, de Lisboa; Vasco da Costa Jacob, de Tomar; dr. José Pontes, membro permanente do Comité Internacional Olímpico; Antero Rebelo da Costa, jogador açoreano de ténis de mesa; Direcção do Sporting Clube de Torres e Sabena.

NO RESTAURANTE DE JACK DEMPSEY

todos podem tirar uma fotografia com o antigo campeão do Mundo



MIKE JACOBS

um dos mais famosos organizadores de combates de «box» nos Estados Unidos

ENCERRAMOS com esta entrevista a série de impressões trazidas por Francisco Silva, que da Europa foi até à América, em viagem de negócios, e dedicou grande parte do seu tempo livre aos espectáculos desportivos.

Francisco Silva, regressando maravilhado com o que viu, teve este desabafo que pode traduzir o seu entusiasmo:

— Se tivesse a família e o Sporting em New York, — era capaz de lá ficar. Estava-se tão bem...

Na verdade, para um temperamento tão desportivo como o de Francisco Silva, a América deveria ser um agradável oásis. Claro que precisava lá de bom futebol e do Sporting — pois do contrário tudo se tornaria triste para um leão da sua tempera...

E agora perguntamos nós: — O Sporting, sem o Benfica, sem o Belenenses, sem o Porto, serviria de alguma coisa a Francisco Silva?

No fundo, este desabafo revela apenas o gosto pela viagem que o nosso paciente entrevistado fez pela França, pela Bélgica, pela Holanda, — o salto até à grande América dos arranha-ceus, dos Joe Louis e Walcott, a cujo combate assistiu, maravilhado. O pugilismo, para Francisco Silva, foi o entretenimento mais puro e mais desportivo.

Quiz mesmo concluir as suas impressões, falando novamente de pugilismo. Nós mesmo o provocamos, com esta pergunta:

— Viu pela América o nosso compatriota Agostinho Guedes?

— Não. Agostinho Guedes deve «perder-se» entre tantos pugilistas que existem nos seus diferentes Estados...

— Mas, há uns tempos, vimos uma fotografia de Agostinho Guedes ao lado do famoso Jack Dempsey!

— É naturalíssimo. Devo dizer-lhe, no entanto, que o leão Dempsey possui um bar-restaurant em New York. Nesse restaurant há um fotografo privativo, e Dempsey presta-se sempre a tirar fotografias com os seus clientes.



TONY ZALE

que no grupo dos pugilistas «brancos» americanos revela excelente categoria

Também lá fui um dia, com o António Calado. Porém Jack Dempsey estava ausente de New York — e a foto perdeu-se...

«Entretanto, Agostinho Guedes pode melhorar muito na América. Sem ter sabido nada dele, julgo que para se «aprender» tudo, no pugilismo, é preciso estagiar naquele país. Logo, Agostinho Guedes aprenderá bastante.

— A América, no pugilismo, é nesse caso uma fortaleza inexpugnável...

— Mais ou menos. Eu julgo que debaixo do «ring», isto é, fora do lugar próprio se podem dar cenas curiosas. Mas o pugilismo, ou antes, os pugilistas, são coisas sérias e acreditadas pelos americanos que ocorrem em grande numero. Vale sempre a pena assistir a um combate na América.

«Aqui, há várias séries, sendo cuidadosamente seleccionados os valores. Mas pelos diversos Estados, aparecem sempre muitos jovens que se preparam com entusiasmo. Andam por ali — até um dia, alguns futuros campeões. Claro que, muitas vezes, aparecem por acidente nas sessões de primeiro plano. Se conseguem impressionar nessa altura — tem o futuro assegurado.

— Ouviu falar na América em Marcel Cerdan?

— Na América apreciavam muito este pugilista. Mas o seu último combate decepcionou, e por isso perdeu prestigio. Sabe: — se Marcel Cerdan

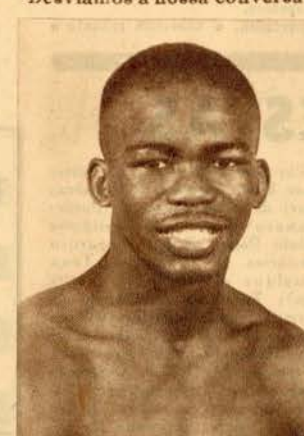
fora na América alguns encontros com elementos de serie inferior — deixará no espirito dos amadores do pugilismo ainda pior impressão. Faz bem em desejar apenas homens de classe reconhecida. De onde não se espera, — aparecem homens difíceis de vencer.

— Que pugilista o impressionou, além de Joe Louis e de Walcott?

— Ike Williams, campeão mundial dos «leves». Isto nos Estados Unidos. Porque no Palais des Sports, em Bruxelas, vi um pugilista de grande categoria: — o austriaco Jo Weidn, vencedor do torneio internacional dos pesados. Chamam-lhe o «gentleman» Jo. Viu-o jogar contra o francês-polaco Steve Olek, perante o entusiasmo permanente do publico.

«Este combate na América, teria maravilhado os criticos e os habituais assistentes do Madison Square Garden.

Desviamos a nossa conversa



IKE WILLIAMS

campeão mundial dos «leves», que impressionou o nosso entrevistado Francisco Silva

Nos assuntos de pugilismo. Dissemos a Francisco Silva:

— Tenciona voltar, para ver mais coisas?

— Oxalá eu o possa fazer. Sempre que pude, apreciei provas desportivas. Diziam-me que em qualquer arranha-ceus, se fazia basquetebol, tenis, atletismo, ginástica e natação. Quase não acreditava. Todavia, é uma verdade. Um «arranha-ceus» de New York pode ser um estádio.

Podemos passar um dia e uma noite num desses prédios monstros, sem precisar de vir cá fora: — Desde o restaurant ao barbeiro ou à manicure: desde o cinema ao teatro; desde o parque de jogos completo ao banho quente ou frio...

Francisco Silva é um dedicado a coisas desportivas. Por isso mesmo, baillam-lhe ainda nos olhos as cenas que mais o emocionaram neste giro que há-de recordar pelos tempos fora. Mas ainda não está satisfeito.

Eis como se despede: — Agora, aguardo outra oportunidade: — a de ir a Londres, aos jogos olimpicos. Pensa-se já em todo o mundo nessa grande competição, segundo pude apreciar.

— E também nos dará, nessa altura as suas impressões?

— Que duvida! Eu sou amigo dos jornais e dos jornalistas. E a falar de coisas desportivas, como sabe, chega a esquecer-me do tempo que passa sobre nós...

Era assim mesmo. Francisco Silva tinha falado durante umas horas, — e era tempo de o libertar. Justíssimo. Colocamos portanto a palavra «fim» no nosso livro de notas.

Rodrigues Teles



«Está tudo dito!» — afirma Francisco Silva ao nosso camarada Rodrigues Teles...

O DESPORTO HÍPICO

Considerações de fim de época

Serviço de crónicas EXTINFOR

Artigo inédito de Jean TRARIEUX

QUANDO o grande hipódromo de Longchamp fecha as suas portas, terminaram as imponentes manifestações de corridas planas, que atraem as multitudes e, todas as épocas, ocupam um dos primeiros lugares na vida parisiense. Não temos então outro meio de prolongar o nosso prazer senão olhando um instante para esse passado recente e evocá-lo uma última vez, antes que seja tarde. Porque a vida é impiedosa, a roda gira sempre, um ano apraga o outro. E' preciso saber aproveitar a ocasião, quando se tem o gosto de se recordar.

Climaticamente, o ano de 1947 foi único no seu género. Começou áspero. Frio, neve e gelo. O inverno fastigioso bastante. Nunca mais acabávamos de constatar, cada manhã, que o termómetro marcava sempre abaixo de zero. O mês de Fevereiro tinha terminado sem se poder realizar qualquer corrida de galope. As análises sucediam-se e foi preciso esperar até 16 de Março para que o hipódromo de Auteuil pudesse enfim reabrir as suas portas. Depois, madona à vista. A primavera, que tanto demora a aparecer, mostrou-se maravilhosa, e o belo sol não nos abandonou durante meses. Ao encanto primaveril sucede o esplendor do verão, que em incomparável outono prolonga indefinidamente. Ao mesmo tempo, outra inquietação, e esta inesperada: a seca torna-se extrema, a terra tem sede, as pistas duras em excesso, tornam-se perigosas para os tendões do puro-sangue, e começamos a notar o pequeno número de inscrições. Mas apressemo-nos a acrescentar que este inconveniente parece menor ao lado do prazer sem igual dum céu sempre azul, que nos tinha voltado a dar um pouco desse optimismo de que muitas dificuldades materiais e quotidianas nos tinham desabitado.

No plano estritamente hípico, esta sazónela anormal de chuva não permitiu a nenhum cavalo com aptidão marcada para os terrenos duros mostrar plenamente do que era capaz. O exemplo mais notável desta particularidade foi dado pelo póldro do barão de Waldner, *Pearl Diver*, que entrou na glória repentinamente pela sua vitória no Derby de Epsom. Por acaso, tinha chovido na véspera e, no dia do Derby, a pista estava macia. *Pearl Diver*, muito à vontade, aproveitou para alcançar um êxito inesperado. Colocaram-no logo num pedestal, e julgava-se que ele se

afirmaria como o primeiro da sua geração de três anos. Nada disso. Os terrenos não deixando de continuarem secos, assistimos a este espectáculo singular: o vencedor da prova historicamente mais célebre da Europa

um ano sem «crack». Certamente, *Djegal* para a velocidade. *Avenger*, *Giafar*, *l'Imperial*, *Sandjar*, *Tourment* para as distâncias clássicas, são todos animais de grande mérito, mas nenhum dentre eles acabou sobre os o-

se atribuído dois objectivos capitais: a Taça de Ouro de Ascot e, como coração de carreira antes da sua entrada na coadalaria, o Prémio do Arco do Triunfo. Levou brilhantemente a bem a primeira parte da sua tarefa, arrancando num estilo magistral a gloriosa prova de fundo de Ascot, e ninguém duvida que ele tivesse vencido do mesmo modo o Prémio do Arco do Triunfo, se um estúpido acidente no treino, ocorrido justamente cinco dias antes do troféu supremo, não o tivesse privado do consagração definitiva à qual tinha direito. E eis mais um campeão autêntico que não voltaremos a ver. *Souverain*, por sua vez, vai começar a sua carreira de ganhão. Irreparável perda para as corridas. Por muito rica que seja a coadalaria francesa, ela não produz em série cavalos fora de classe, cuja presença num hipódromo é um regalo para os nossos olhos.

Quanto a *Le Paillon*, representa um caso especial. Aos 3 e 4 anos, este filho de *Fastnet* apenas tinha tido uma carreira média nas planas, e foi nas sebes que ele conquistou os seus galões. Aos 5 anos, ele tinha-se elevado mais alto ainda na hierarquia, afirmando-se como o melhor «hardie-racer» de França, adjudicando-se facilmente a Grande Corrida de Barreiras de Auteuil. Isto passava-se em Junho. Foi então que *Le Paillon* conheceu um novo destino. Metido de novo nas corridas planas, deslocava-se em Agosto a Deauville onde, com duas vitórias, a segunda das quais no Grande Prémio, se colocou em vedeta. Era já um bom êxito para um cavalo de barreiras. Mas onde o sucesso se transformou em milagre, foi no começo de Outubro em Longchamp, quando este mesmo cavalo de barreiras se permitiu acrescentar o seu nome no «palmarès» dos vencedores do Prémio do Arco do Triunfo. Um laureado numa Grande Corrida de Barreiras vencendo o Prémio do Arco do Triunfo. Isto é, a mais importante corrida plana do ano entre três anos e mais, nunca se tinha visto e, evidentemente, não se verá tão cedo...

A infelicidade de muitos faz a felicidade dos outros. O acidente de *Souverain* permitiu a *Le Paillon* tirar na lotaria hípica o número da «talada». — J. T.



Um dos mais famosos «jockeys» durante o treino com um cavalo que apresentará pela primeira vez

não ganhou mais uma única corrida do ano todo. Não desempenha qualquer papel no Grande Prémio de Paris.

A esperança de ver em *Pearl Diver* um grande cavalo, depressa se dissipou. Se é um facto que o interesse dum época de corridas seja lançado do valor dos 3 anos, o ano de 1947 não pode figurar no número dos mais felizes. Podemos dizer que foi

trous uma superioridade real e, por muito respeitável que seja o grapo, continua sendo um lote de que se não via destacar uma excepcional personalidade. A marca distintiva que caracteriza o «crack» não foi observada. O «crack» é um; não está rodeado de iguais; dum selto, ele eleva-se acima de todos e paira num clima sereno.

Em 1946, o vencedor do Prémio do Jockey Club, *Prince Chevalier*, e o vencedor do Grande Prémio de Paris, *Souverain*, eram grandes cavalos. E' quase certo que nem *Sandjar* nem *Avenger* de 1947 não são nem um *Prince Chevalier*, nem um *Souverain*.

Frastados de grandeza verdadeira da parte dos três anos, nós, devemos, pelo contrário, a dois cavalos já feitos, os quatro anos *Souverain*, já falado, e os cinco anos *Le Paillon*, prazeres desportivos de primeira ordem. Para a sua carreira de quatro anos, o «crack» *Souverain* tinha-

O Futebol é a Minha Profissão

«Football is my business»

Por TOMMY LAWTON

A sair brevemente na «Stadium»

Análise da Temporada de 1947

VIII — Os saltadores

O julgo que hoovermos de fazer sobre os saltadores portugueses de 1947, divide-os em dois grupos: os saltadores em elevação (altura e vara), que não nos deram motivos para referências encomiásticas e os saltadores em extensão (comprimento e triplo) que, ao contrário, nos brindaram com um conjunto de mareos muito satisfatório e com dois resultados de categoria mundial.

Os especialistas de altura pouco brilharam; Matos Fernandes foi o melhor sem se melhorar e, à medida que o tempo passa, mais difícil se lhe vai tornando exceder-se; a preparação eclética que é obrigado a seguir, pela própria força da sua classe de atleta excepcional, impede-o de atingir em determinada especialidade o máximo dos seus recursos.

Em segundo lugar enfileira Manuel Menezes, que progredia nos resultados, mas sem alteração de técnica que permita adivinhar possíveis surpresas. Trata-se de um saltador natural, mas sem a elasticidade, descontração e leveza dos homens que impressionam ao primeiro exame; precisa de ligar melhor a corrida preparatória com o salto, de forma a aproveitar melhor a primeira para a elevação no segundo.

Dos restantes participantes só dois novos merecem ser citados: Xavier Martins e Costes de Moraes, este de excelente estampa e com apreciáveis condições que lhe podem assegurar bom futuro na especialidade. Se trabalhar com método e persistência.

No salto à vara, nada a assinalar. Tudo fica dito, incluindo que o veterano Martins Vieira foi quase o melhor de todos; Montalvão, o único que alcançou resultado superior ao seu, continua com os mesmos defeitos, a mesma técnica rudimentar, que o impedirão de progredir.

Esta especialidade requer cuidado estado e meticolosa coordenação, só possível, nas circunstâncias particulares do exercício, a um ginásta consumado.

Salazar Carreira

Aparecem alguns rapazes com jeito. Santos Vieira — a promessa que não se confirma — José Pico, Eduardo Matos Vieira da Fonseca; mas nenhum se entrega ao treino especialíssimo da vara com o indispensável afincio, e daí a estagnação de valores que, de ano para ano, se verifica.

Muito mais agradável é a impressão que nos fica dos saltadores em comprimento; possuímos um campeão de grande classe, Alvaro Dias, que infelizmente comete contra si próprio — e contra os interesses do atletismo português — o crime de jogar futebol, mas contamos ainda com um grupo de saltadores de boa categoria, consagrados ans, como Alcide, Temegão e Vieira, revelações: outros, como Aguiar da Câmara, Dorez e Fernando Calado.

A marca de 7.^{ma}34, alcançada por Alvaro Dias figura em 3.^o lugar na tabela europeia da temporada e indica-nos que deveria desde já ser submetido a regime especial de preparação, com vista aos Jogos Olímpicos de Londres, onde poderá ser, em mérito absoluto e relativo, dos melhores representantes de Portugal.

O mesmo critério se aplica com idêntica propriedade ao seu camarado de clube e recordista do triplo salto, João Vieira, cujos 14.^{ma}70 se classificam em 7.^a posição na tabela dos resultados mundiais da época.

Tanto Vieira como Luis Alcide, atleta cuja classe se equipara, pelo menos, à do actual campeão, são dignos de atenções particulares, no propósito de os levar ao melhor da sua forma a tempo devido para o certame olímpico.

O novo que mais se destacou foi Eduardo Matos, ganhando-se de um salto — é o caso de o dizer — ao primeiro plano dos especialistas. A feliz resolução de inclair o triplo-salto no programa dos juniores veio facilitar o aparecimento de novos protitantes e criar para a modalidade expansão desconhecida.

ESTORIL

COSTA DO SOL
(A 23 QUILOMETROS DE LISBOA)

Excelente estrada marginal
Rápido serviço de combóios eléctricos

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

TODOS OS DESPORTOS:

Golf (18 buracos), Tennis, Hipismo,
Natação, Esgrima, Tiro, etc.

HOTEIS:

ESTORIL-PALÁCIO HOTEL

Luxuoso e confortável—Magnífica situação

HOTEL DO PARQUE

Boa instalação—Anexo às Termas e Piscina

MONTE ESTORIL HOTEL

(antigo Hotel de Ilália)

Ampliado e modernizado

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Laboratório de análises clínicas. Ginástica Médica. Maçagens

TAMARIZ:

Magníficas esplanadas sobre o mar. Restaurante-Bar

Piscina de água tépida — Sala de armas
Escola de equitação — «Stands» de Tiro

Aberto todo o ano

CASINO. Cinema - Concêrtos - «Dancing» - Restaurante - Bars
Jogos autorizados

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol
ESTORIL

EXEMPLARES ATRASADOS

Cada exemplar da II série passa a custar:

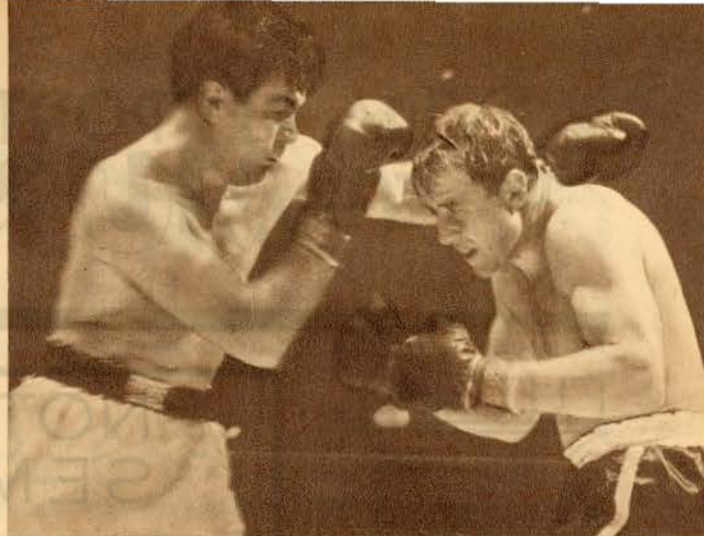
Do n.º 1 ao n.º 108..... Esc. 5\$00

» n.º 109 ao n.º 212..... » 3\$50

Todos os restantes — preço da capa



Esta cabeçada involuntária, que por pouco não «cilindrou» as feições de Joey Maxim, foi consequência do falhanço de um jabe da esquerda. Note-se a posição da luva e a contração muscular do braço do americano, que se prepara para lançar um «swing» a sítio indeterminado



Olle Tandberg (à direita) esquiva um ataque de Maxim, executado com o punho esquerdo, e prepara-se para «entrar» ao torax com um golpe da direita

Os Grandes Combates de Boxe

Olle Tandberg, conquanto vencido por Joey Maxim, revelou sólidas qualidades atléticas e muita valentia

NOVA YORK, coração e cérebro do pugilismo americano, viveu horas de crescente expectativa aguardando a subida ao ringue do gigantesco campeão sueco, Olle Tandberg, sensacional triunfador do cotado Joe Baksi.

Na Europa, o interesse pelo resultado da estreia de Tandberg, no palco do Madison Square Garden, era igualmente grande e justificado, pois embora o título de campeonato europeu pertença ao britânico Bruce Woodcock — abatido de maneira quase bárbara pelo citado Baksi — todos reconhecem no sueco o virtual detentor do campeonato.

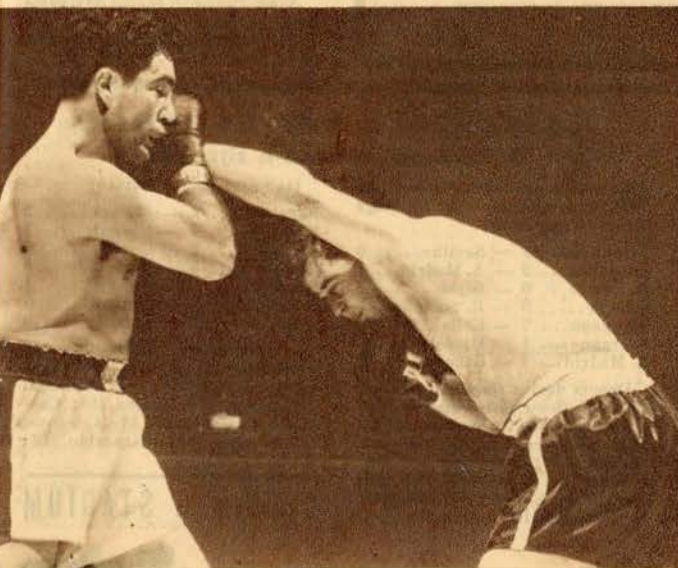
O primeiro adversário do compatriota de Greta Garbo e de Ingrid Bergmann foi o coriácio Joey Maxim, jovem gladiador de 25 anos, de ascendência italiana e vencedor de «Jersey» Joe Walcott, no ano de 1946.

Segundo o relato dos jornais noviorquinos, o loiro hércules escandinávio causou profunda desilusão. Durante os dez assaltos do desafio tirou partido da sua vantagem em peso — que era de respeito — mas falhou com monótona insistência os tímidos jabs e *kooks* com que tentou agredir o adversário. Revelou tal pobreza de recursos técnicos que um jornalista espirituoso lhe aconselha outro ofício, propondo que envergue um fardamento luzido e agalado e se empregue como porteiro em qualquer dos vários clubes chiques da 5.ª Avenida. Tandberg foi um ótimo amador e conquistou nessa qualidade o campeonato da Europa, por duas vezes, em 1937 e 1939.

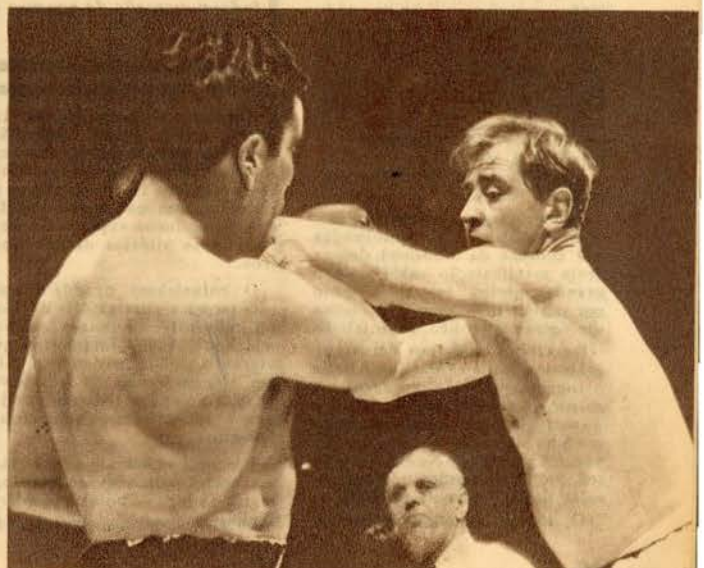
Tem pouca força de golpe — comparativamente com as suas gigantescas dimensões físicas — e pouca experiência profissional, apesar de contar sete anos de ofício. Durante este longo período de tempo enfrentou dezoito adversários, três dos quais em combates-desforra: Schoenrath, Licus Musina e Karel Sys.

Apesar desse *handicap*, o resultado do combate de agora é menos comprometedor do que a crítica americana anuncia com grande escarcéu. Um dos juizes do *match* manifestou a sua preferência por Tandberg e os dois restantes não julgam a supremacia de Maxim esmagadora. Tandberg deixou-se manobrar por um adversário calejado, que figura entre os primeiros dez homens melhores da categoria de «pesados», mas nunca se inferiorizou totalmente.

O Madison Square Garden, na noite de 9, esteve repleto de público — mas não vibrou com o espectáculo. A única nota impressionante forneceu-a um espectador, quando avançou para o «canto» de Tandberg, desfraldando a bandeira do país deste último.



Outra cena do 1.º round. Tandberg lança um comprido jabe à cara do pugilista americano e atinge o alvo, apesar da tentativa de defesa do jogador contrário



Este episódio do 1.º assalto, que o árbitro segue atentamente, revela a manobra fácil como Maxim anulou um ataque de Tandberg, desviando, com a luva, o punho esquerdo do estilista sueco

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE

Lívio Minelli em foco

O pugilista italiano Lívio Minelli, actualmente nos Estados Unidos, onde o seu comportamento tem sido muito brilhante a ponto de continuar sem derrotas, combaterá Ike Williams, campeão mundial dos «leves», no dia 9 de Fevereiro, em Filadélfia.

Depois deste combate, é possível que regressa à Europa para disputar o título da categoria «semi-médios», em poder de Robert Villemain.

Um campeão abatido por K-O

O campeão belga de todas as categorias, Pit Wilde, foi posto fora de combate ao 1.º assalto, em Compenhague, por Carl Nielsen.

Wilde é muito hábil a manejar os punhos mas possui escassa robustez física.

Jean Wanès ganha a Onar le Noir

O combate entre estes dois jogadores «semi-médios» efectuou-se em Caen. Ao cabo de um match equilibrado, Wanès triunfou por pontos.

Os melhores pugilistas espanhóis da actualidade

Ao encerrar a época de 1947, os melhores pugilistas profissionais do país vizinho, eram os seguintes:

Mínimos: Martin Testillano, campeão;
Levtíssimos: Luis Romero, campeão; Modesto Asencio;
Semi-leves: Luis Romero, campeão; Luis Santiago;
Leves: José Valdés, campeão; Martí 2.º; Reverte;
Semi-médios: Ben Buckler, campeão; Eduardo Lopez;
Médios: Vago (Asencio Eloy, Llorente, Gascon, etc.).
Semi-Pesados: Inácio Ara, campeão; Ibarrondo;
Pesados: Paco Bueno, campeão; Arceniga.

FUTEBOL

Em Inglaterra

A terceira eliminatória da Taça de Inglaterra produziu um dos mais sensacionais choques de que há memória desde 1872, data que é da sua inauguração.

Assim, oito clubes importantes que militam na primeira divisão do campeonato da Liga, nomeadamente o Arsenal, Aston Villa, Bolton, Burnley, Huddersfield, Sheffield United e o Sunderland foram derrotados e postos fora por outros clubes de muito menor valimento, exceptuando o Aston Villa, derrotado pelo Manchester United, o mais cotado favorito do torneio.

É curioso sublinhar, por outro lado, que dois clubes da Liga Sentrional, o Colchester United e o Gillingham, conseguiram figurar no sorteio que os levará a disputar a quarta eliminatória desta notável competição. O triunfo do Colchester pode ser considerado como a maior surpresa de todas quantas se verificaram no sábado passado, na Inglaterra.

Bastará notar que o adversário daquele clube era o Huddersfield, forte agrupamento com grande experiência em desafios desta qualidade, e de modo algum seria legítimo supor a sua derrota porquanto que jogava no seu próprio terreno.

Outra surpresa — nem é possível falar hoje doutra coisa — foi a vitória do Notts County sobre Birmingham City, por 2 bolas a zero, jogando este último em sua casa.

Tommy Lawton foi o grande artífice deste tão imprevisto como magnífico resultado, pois se revelou, a par do grande futebolista que todos nós conhecemos, como capitão excepcional, conduzindo a linha de ataque por maneira a desorientar radicalmente os avançados do forte agrupamento contrário.

Lawton (cujas «memórias» devem começar a ser publicadas nas colunas da *Stadium*), depois desta manifestação cabal do seu grande mérito, foi classificado por um crítico reputado, como um «génio autêntico do futebol».

Os clubes londrinos deixaram, praticamente, ao Charlton Athletic o ingrato papel de representar a cidade no seguimento do torneio. A sorte bafejou estupidamente o clube detentor da Taça e levou-o a eliminar o Newcastle United, por 2-1, quando tudo parecia estar definitivamente perdido.

O Burnley tombou deante do

NOTA DA SEMANA

O sentimento das responsabilidades, conforme acentuou Emilio Faguel, causa muitas vezes horror. Um estado de nervosismo semi-permanente, depressivo e intolerável, vai aumentando à medida que se aguarda a produção de determinado acontecimento, temível — mais ou menos inevitável dentro dos limites do tempo ou do espaço — em que a nossa conduta, com todas as interrogações e dúvidas antecipadas, pode socobrar.

É um pouco aquele «medo» que o grande Marechal Turenne definiu, ao dirigir-se à sua própria carne, açoitada pelo temor da batalha iminente: «Tu tremes, carcassa? Mais tremerias se soubesses onde te vou levar!»

Pois, fiquem os nossos leitores sabendo, até no futebol, estas crises de espectralidade sucedem em elevado grau, algumas vezes. Um exemplo raro mas edificante, corroborando aquilo que afirmamos, chegou há pouco ao nosso conhecimento em condições de absoluta fidedignidade.

O clube Arsenal, de Londres, de arreigadas e populares tradições no futebol inglês, viveu horas de intensa amargura, durante algumas semanas, só pelo facto de continuar invencível no decurso do actual campeonato da Liga.

A equipa já não podia sofrer por muito mais tempo a espectralidade dum acontecimento que sabia ser inevitável e era, afinal, a sua primeira derrota. Desejava-a a todo o preço, para expansão dos seus nervos exaustos. Aquela sujeição podia esgotar os jogadores, fisicamente perfeitos e numa «forma» magnífica, actuando no seu edifício moral.

A primeira derrota constituiria, pois, a válvula de escape do facto consumado. Quando, afinal, se produziu houve em todo o team uma autêntica onda de alegria e (pasmem os leitores!) festejou-se num banquete, com luz e flores a jorros.

Evidentemente, que só um grande clube, como o Arsenal, cheio de tradições e personalidade, pode ousar, sem cair no ridículo, a celebração de um desaire como se ele fosse um triunfo. Além da lição moral extraída do acontecimento, foi um acto publicitário de grande repercussão, a rodear o nome do clube, pois muita gente supôs que se havia celebrado o extenso período de invencibilidade que na mesma data se havia encerrado. A verdade, porém, foi outra: os arsenalistas festejaram, acima de tudo, a cessação da «guerra de nervos» que os arrazava.

R. B.

Swindon, um clube da terceira divisão muito pouco cotado. Semelhante triunfo pode esclarecer o leitor até que ponto os melhores clubes de futebol ingleses se parecem com os menos reputados. Só assim se explicam as derrotas e as vitórias de uns e outros.

O entusiasmo produzido por esta terceira eliminatória da Taça foi indiscutível. Londres recebeu mais de 250.000 forasteiros que vieram à cidade perdendo a noite em viagem e sob um frio de rachar, só para assistirem aos jogos e aplaudirem os seus clubes favoritos.

Por aqui se calcula a importância social, como divertimento, é claro, do jogo da bola na Grã-Bretanha.

As «Ligas» em Espanha O Valência domina a situação

Os resultados dos últimos jogos do campeonato da 1.ª Liga foram os seguintes:

Valência...	1	—	Sevilha...	0
Espanhol...	2	—	A. Madrid...	2
A. Bilbau...	0	—	Gijon...	0
Oviedo...	3	—	R. Sociedad...	0
Alcoyano...	2	—	Celta...	6
Tarragona...	1	—	Barcelona...	2
R. Madrid...	4	—	Sabadell...	0

Depois destes resultados a classificação ficou assim distribuída: Valência, 25; A. Madrid, 20; Sevilha, 20; Barcelona, 20; A. Bilbau, 19; Celta, 17; R. Oviedo, 15; Tarragona, 14; Espanhol, 14; Real Madrid, 14; Sabadell, 14; Alcoyano, 13; R. Gijon, 10; R. Sociedad, 9;

Os jogos da 2.ª Divisão:

Badalona...	3	—	Malaga...	2
Mestalla...	7	—	Hercules...	3
Murcia...	2	—	Cordova...	0
Castellon...	5	—	Baracaldo...	0
Corunha...	4	—	Levante...	0
Valladolid...	1	—	Granada...	0
Maiores...	2	—	Ferrol...	0

Classificação: Valladolid, 24; Corunha, 22; Malaga, 19; Hercules, 18; Mestalla, 17; Badalona, 17; Ferrol, 16; Murcia, 16; Castellon, 14; Maiborca, 14; Cordova, 13; Levante, 12; Baracaldo, 12; Granada, 10.

Assinem a **STADIUM**

Stadium

ENTÃO EM QUE FICAMOS?

Os mais afamados críticos afirmam que o valor de uma equipa se revela pelas bolas marcadas na baliza do adversário. Se assim é, entre o Porto e o Vitória de Guimarães, há ou houve uma diferença de 3-0.

Claro que, regra geral, dizer logo após o desafio, com os nervos ainda fatigados pelo jogo, ter sido o vencedor menos capaz, menos sabedor, custa muito pouco... Desde que no jornal se não filtre convenientemente o relato aborrecido, amargurado pela derrota, — torna-se preciso ler com o máximo cuidado e tirar ilações estranhas.

Se fizéssemos um dia o confronto, chegaríamos a conclusões interessantíssimas. Ainda não há muito isso aconteceu após a visita do Sporting a Elvas. Os correspondentes afirmavam a violência leonina; em quem acreditamos — garantia o contrário...

POBRE DO ARAÚJO...

O Boletim de importante clube lisboeta, desanca no Araújo de um modo terrível! Sem dó nem piedade. Estamos convencidos de que o Araújo, simplório, afinal, deve «ter embarcado» nas águas de qualquer abelhudo cá da terra... e agora sofre-lhe as consequências!

Mas o caso, nós sabemos, tem outra face: a rivalidade em esboço, entre Araújo e Vasques — o melhor interior direito que existe em Portugal... Nós somos os primeiros a reconhecer a afirmação, de resto já posta a correr na imprensa autorizada. Pedimos, entretanto, que se não bata no rapaz — o inofensivo Araújo...

O jogador lisboeta Vasques é melhor e não se fala mais nisso. Fazemos votos para que em Madrid, no dia 21 de Março, apareça no de cima toda a classe do barreteense, — e deixem-nos o homem de Paredes em descanso!

CUSTOU MAS SEMPRE

SE REALIZA O JOGO...

Temos no domingo o jogo Norte-Sul, no Estádio do Lima, e a favor das famílias dos sinistrados dos últimos temporais. Após tantas dificuldades, sempre é dada esta satisfação aos portuenses.

Ainda bem. De resto, o jogo tem oportunidade e serve o futebol português, embora à custa de uma data que fará falta ao campeonato.

Foram já escolhidas as equipas. No grupo do Norte alinham jogadores de Coimbra, Braga, Guimarães, Famalicão e Porto. Parece-nos bem indicado o grupo: 6 jogadores do F. C. P., 1 da Académica, 1 do Sporting de Braga, 1 do Boavista, 1 do Famalicão e 1 do Vitória de Guimarães. Mas, mais do que isso — o significado da partida. Aplauda-se por isso a realização do jogo Norte-Sul, marcado para o Lima.

na capital do NORTE

Questões de brio...

NÃO se pense que o Porto, a despeito do seu natural aborrecimento, deseja o desprestígio do grupo, ou melhor dizendo, dos representantes de Portugal, quando vestem a camisola Pátria. Os desportistas portuenses vibram intensamente com as nossas competições internacionais, mas o que não se lhe pode levar a mal é o facto de terem perdido a confiança em pessoas responsáveis pela formação das nossas equipas.

Afastada essa ideia, os portuenses desejam unanimemente a vitória da sua equipa. Será assim contra a Espanha, em Março, será sempre que no campo esteja uma equipa portuguesa. De resto, os portuenses não querem injustiças. Não querem na equipa jogadores que o não mereçam. Batalham por isso mesmo, e compreendem muitíssimo bem o alcance de afirmações que colocam o jogador A ou o jogador B nos píncaros da lua.

Compreendem e... acham graça. Só não acham graça, em verdade, quando as coisas são demasiado sérias e nada justas. Então, salvo o devido respeito, — o Porto abespinha-se e protesta, porque é brioso e porque tem o nariz no seu lugar.

Curiosidades...

O senhor Governador Civil do Porto, no decurso de uma reunião efectuada para tratar de assuntos respeitantes ao Norte-Sul em futebol, abordou o problema do Estádio do F. C. do Porto.

Mais uma vez ficou assente que as possibilidades da construção aumentaram.

Os clubes trabalham actualmente na confecção de listas a apresentar. Alguns farão substituições, embora ligeiras.

Ganha vulto a ideia de colocar no centro da linha avançada do F. C. P. um jogador mais ligeiro. Um habilidoso, como o Araújo de um lado e Gastão do outro, talvez brilhasse...

Vai, finalmente, realizar-se um torneio em que entram as Reservas dos clubes. Disputar-se-á a Taça «Miguel Siska». Uma lembrança de «Stadium», afinal...

DISSEMOS ainda não há muito tempo, nas colunas desta Revista, que seria justo prestar homenagem ao falecido e inditoso «Miguel Siska», fazendo disputar uma taça com o seu nome. Ao mesmo tempo, lembráramos que seria útil a realização de um torneio em que entrassem as categorias inferiores dos clubes da Divisão de Honra.

Felizmente, vai acontecer isso mesmo. A Associação de Futebol do Porto, vai promover o torneio, como já foi tornado público, e veremos por isso as categorias inferiores em movimento.

Os clubes de responsabilidade não podem viver apenas com as suas categorias de honra. Precisam indiscutivelmente de contar com jogadores habituados ao público, e isso apenas se consegue apresentando-os em jogos mais ou menos importantes.

Depois disso — o valor da homenagem ao falecido Siska. Outros que representaram dignamente alguns clubes do Porto já a tiveram. Siska era digno dela. Não podemos deixar de aplaudir a iniciativa, que vem de encontro aos nossos desejos.

A Associação de Futebol do Porto pode valorizar a prova, sem prejuízo de qualquer natureza.

MOSAICOS nortenhos...

UM SURPRESA

E MAIS NADA

Não se compreende bem o motivo da escolha de Alberto Augusto para treinar a equipa do Norte. Sabe-se que o grupo, no fundo, tem o seu treino normal. A maioria pertence ao F. C. do Porto. Ora, sendo assim, Eládio Vascheto estava inteligentemente indicado para orientar a equipa.

Alberto Augusto é sem dúvida um bom treinador. Isso não está em causa. Mas que pode fazer Alberto Augusto numa semana e no seio de jogadores com quem não costuma lidar?

Enfim: há coisas que se não compreendem lá muito bem. Esta é uma delas, embora do caso não venha qualquer mal ao Mundo. O treino, seja ele qual for, há-de ter naturalmente um valor relativo...

A «QUESTÃO»

DO SALGUEIROS

Lemos num jornal desportivo lisboeta certo comentário à vida difícil do popular Salgueiros. Já temos lamentado variadíssimas vezes as dificuldades do «velho» clube. Não podemos passar em julgado, entretanto, pela gritaria que há uns anos se desenvolveu — quando um homem do Salgueiros passava para grupos da terra e especialmente para o F. C. do Porto. O Salgueiros, apesar de tudo, continuava forte. Anos volvidos — o Salgueiros viu sair os seus jogadores para clubes de longe. Alguns achavam bem. Não escreveram palavras de protesto...

Mas o popular Salgueiros definha-se dia a dia. Já pouco se escreve sobre o caso — porque os jogadores não ficaram no Porto. Já não interessa.

PACHECO, DESERTOUI

DE VEZ?

Anunciou-se que Pacheco, médico centro do Académico, reapareceria brevemente no clube do Lima. No entanto, parece que tal não acontecerá. O excelente jogador, segundo algumas afirmações seguras, encontra-se em Lisboa e alinhará por um clube que tem campo na parte alta da cidade.

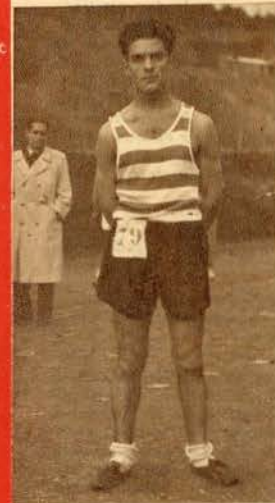
Este mesmo agrupamento não conseguiu a transferência de Caseiro, do Leixões. Mas na rede ficou Pacheco. A ver vamos, claro...



FILIPE LUIS



JOAQUIM BRANCO



JOÃO CONDE



O jogo de OLHÃO

Apresentamos duas fases do desafio disputado em Olhão, que deu a este clube a sua primeira grande vitória. Trata-se de duas defesas, uma de Abraão e outra de Machado



GRANDE PRÉMIO DO CORTA-MATO



Um aspecto geral da prova de corta-mato organizada pela associação de Atletismo de Lisboa, nos terrenos do Estádio Nacional. Publicamos, de cima para baixo, os vencedores nas categorias de seniores, juniores e principiantes